

REVUE **SPIRITE**

Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC



Lei divina ou natural **Felicidade**



o caminho silencioso da felicidade

Editorial



JUSSARA KORNGOLD
SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

A felicidade tem sido, ao longo da história humana, uma das condições mais desejadas e, paradoxalmente, uma das menos compreendidas. Procurada nos bens, no poder, no reconhecimento ou na ausência de dor, ela frequentemente escapa quando confundida com prazer, êxito ou segurança exterior. A Doutrina Espírita, desde suas origens, propõe um deslocamento essencial dessa busca: a felicidade não é um acaso, nem um prêmio arbitrário, mas o resultado natural da vivência da Lei Divina ou Natural.



Allan Kardec foi cuidadoso ao empregar o termo “lei”. Não se trata de um decreto imposto de fora, nem de um código moral rígido, mas de uma ordem íntima que rege a vida, o progresso e a consciência. A Lei Divina está inscrita na própria estrutura do ser e manifesta-se, de forma progressiva, à medida que o Espírito amadurece. Nesse sentido, a felicidade não é um destino imediato, mas uma conquista gradual, inseparável do desenvolvimento moral e intelectual.

Os estudos históricos revisitados nesta edição, especialmente aqueles publicados na *Revista Espírita* de 1858 sobre o magnetismo animal e o sonambulismo, revelam com clareza o método kardequiano diante da Lei Natural em ação. Kardec não se apressa em negar o que ainda não compreende, nem se deixa seduzir por explicações fáceis. Observa os factos, reconhece a ação de forças invisíveis, respeita o tempo do amadurecimento das ideias e demonstra que o progresso da verdade ocorre por integração, não por ruptura. Essa postura — prudente, lúcida e humilde — é, em si mesma, expressão da Lei Divina aplicada à inteligência humana.

A felicidade, à luz dessa lei, não se constrói pela negação da realidade, mas pela aceitação consciente das

suas engrenagens. O sofrimento, longe de ser punição, surge como sinalizador de desajustes entre a conduta e a lei que governa a vida. O bem-estar profundo, por sua vez, nasce da harmonia entre pensamento, sentimento e ação. Não é ausência de provas, mas serenidade diante delas. Não é fuga do mundo, mas compromisso ético com ele.

Viver segundo a Lei Divina ou Natural é aprender a escutar — a si mesmo, ao outro e à vida. É compreender que pensamento e vontade são forças reais, que moldam destinos, influenciam escolhas e constroem estados íntimos. É reconhecer que cada passo no sentido da fraternidade, da justiça e da caridade amplia o campo interior da paz. A felicidade, então, deixa de ser promessa futura para tornar-se presença possível, ainda que imperfeita, no cotidiano.

A *Revue Spirite* mantém, assim, sua vocação original: ser espaço de reflexão madura, onde ciência, filosofia e espiritualidade dialogam sem dogmatismos, sem negações apressadas e sem ilusões fáceis. A felicidade que o Espiritismo propõe não é imediata, mas é segura; não é espetacular, mas é profunda; não é individualista, mas solidária.

Revue Spirite

**Journal d'Études Psychologiques Fondée par ALLAN
KARDEC le 1er janvier 1858**

Propriedade do Conselho Espírita Internacional (CEI)

Logo et Marque Européenne enregistrée à l'**EUIPO** (Office
de l'Union Européenne pour la propriété intellectuelle)

® **Trade mark** 018291313

Marque française déposée à l'**INPI** (Institut National de la
Propriété Intellectuelle) sur le numéro ® 093686835.



Editado por

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068

Depósito Legal 403263/15

© **copyright 2020**

Ano 169

Nº23

CEI | Trimestral | Abril 2026

Distribuição gratuita

Direção (CEI)

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

www.revuespirite.cei-spiritistcouncil.com

www.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Mário Frigéri
32	Espiritismo e Filosofia	Jorge Elarrat
40	Espiritismo e Religião	Ana Tereza Camasmie
58	Revisitando a Revista	Ricardo Faria Tomásio
68	A Geração Nova	Sandra Sequeira
88	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito F.M. Dias da Cruz
94	Plano Histórico	Jussara Korngold
108	Espiritismo e Sociedade	Andrea Amorim Anne Sinclair
		Elsa Rossi Jussara Korngold
		Vitor Féria
124	Momento Espírita	Redação Momento Espírita
130	Entrevista	Hélio Blume

Equipa

Revue Spirite

Continuamos, neste Número, o nosso percurso em torno da Lei Divina ou Natural, lembrando que, segundo foi revelado a Allan Kardec, pelos Espíritos superiores, a Lei Divina ou Natural "é a única verdadeira para a felicidade do homem". Num momento evolutivo em que frequentemente a felicidade é como um tesouro que todos buscam, cada um num lugar diferente, mas que muito poucas vezes é encontrado, a Doutrina Espírita dá-nos o mapa, indicando que o lugar onde este tesouro reside é a própria consciência de cada ser. Não adiantam, por isso, as buscas que se façam fora, nesta ou naquela conquista exterior, mas na harmonia que só o cumprimento dessa Lei Divina pode trazer ao ser, pois este só se torna infeliz "quando dela se afasta". Que as reflexões que os nossos Autores nos deixam, neste Número, nos ajudem a alcançar melhor os conteúdos da nossa consciência e a estruturar os nossos sentidos espirituais para a conseguirmos melhor escutar e, consequentemente, melhor cumprir!

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáctica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta série da *Revue*, artigos cuja redacção obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.

HITÓRIA DE CAPA

A felicidade pode ser qualquer coisa!

A felicidade não se mede, e não se contém, é pura e nasce da Lei absoluta e natural.

A felicidade é um pulsar íntimo de todos os seres, do mais rudimentar e primitivo ao puro e superior.

Quando um estado de beleza emerge, sublima-se a felicidade, mesclando-se com a finalidade da existência. Desse modo, o Bem, o Bom e o Belo convergem no estado da mais pura felicidade.

Nesta era digital, comunicamos muitas vezes os nossos sentimentos através de imagens e ícones, o que torna mais fácil transmitir emoções como a felicidade. Desta forma, passamos também a expressar com maior frequência aquilo que sentimos — dizer ao outro que gostamos dele, mostrar quando estamos felizes ou, pelo contrário, quando não estamos.

A nossa imagem de capa convida-nos a refletir sobre outra dimensão da felicidade: a sua essência na natureza. Remete-nos para a origem, para o lugar onde nasce a verdadeira felicidade — desde os microcosmos até ao infinito.



Felicidade
colhida
nasce e
cresce da
felicidade
que se
semeia!*



1



2



3

*XAVIER, Francisco C.
(Emmanuel, Espírito).
Passos da vida. IDE.

1. Wolfgang Hasselmann, on
Unsplash nossa escolha de
capa para o número 23 da
Revue Spirite.

2. Sara Barros, Digital
communication of feelings.
estudo de capa.

3. Wolfgang Hasselmann, on
Unsplash, estudo de capa.



Espiritismo e Ciência face a face

Decodificando O Livro dos Espíritos

MÁRIO FRIGÉRI*

Resumo

Este artigo realiza um experimento intelectual ousado: submeter *O Livro dos Espíritos* a um interrogatório crítico, científico e contemporâneo. São 20 perguntas formuladas a Allan Kardec, o ínclito Codificador do Espiritismo, sob a óptica de um agnóstico moderno – pragmático, lógico, exigente – seguidas de respostas redigidas em primeira pessoa, como se o próprio Codificador dialogasse conosco à luz do conhecimento do século XXI. O propósito não é contestar por contestar, mas demonstrar que a Doutrina resiste ao crivo da razão quando provocada com rigor, amplitude e honestidade. Em vez de blindagem, opta-se por exposição; de reverência passiva, por investigação; e de dogma que congela, por pensamento que vive. O texto convida o leitor a participar de um exercício raro na imprensa espírita: testar Kardec para valorizá-lo ainda mais. E mostra o Espiritismo instrumentalizado para florescer cada vez mais forte no coração da Humanidade.

Palavras-chave: Kardec reinterpretado, Crítica fraterna, Método científico, Doutrina viva, Interrogatório filosófico, Reencarnação e ciência.





***Mário Frigéri** é poeta e escritor pelo coração e operador do Direito por profissão. É paulista de Nuporanga, onde nasceu em 1945, e reside atualmente em Campinas/SP. Conheceu a Doutrina Espírita aos 15 anos. Tem oito livros publicados (três pela Editora da FEB) e escreve regularmente para diversas revistas, entre elas *O Reformador*. frigerimario@gmail.com

by S Barros, "Decoding The Spirit's Book", (2026), for Revue Spirite 23





Vamos testar Kardec neste espaço com as ferramentas duras do século XXI: neurociência, astrobiologia, psicologia, relativismo cultural, epistemologia, direitos humanos, evolução e estatística. Se a Doutrina resiste – e resiste – é porque possui musculatura suficiente para enfrentar argumentos, não para esquivar-se deles. Esta não é fé que teme microscópio; é pensamento que se oferece ao bisturi. Em vez de púlpito, colocamos a Codificação no ringue – e ela não apenas permanece de pé, como dialoga, absorve, expande-se. Este trabalho demonstra que o Espiritismo, quando perquirido com audácia, não encolhe – cresce; não se defende – responde; não reage – age. O texto assume a forma de 20 perguntas dirigidas a Kardec, respondidas em primeira pessoa como se o próprio Codificador nos falasse hoje, numa construção interpretativa que reflete nossa visão da Doutrina.

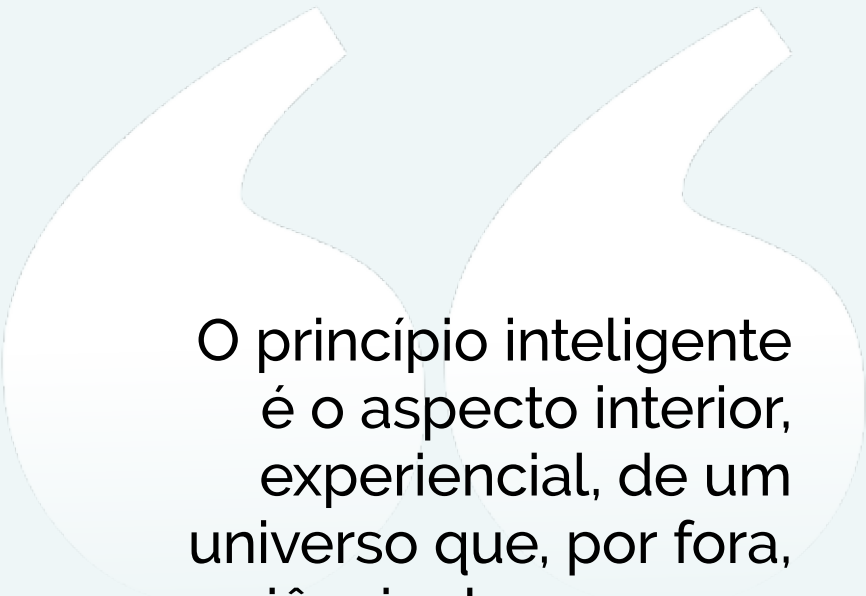


**Deus não
fabrica
sofrimento;
oferece leis.**

1. Deus e o problema do mal

Pergunta – Sr. Kardec, *O Livro dos Espíritos* afirma a existência de um Deus único, soberanamente justo e bom. Como conciliar essa bondade absoluta com a quantidade absurda de sofrimento “inocente” – crianças com câncer, desastres naturais, extinções em massa – que hoje a ciência descreve com precisão brutal? Não parece que o seu Deus ainda depende demais da hipótese reencarnacionista para escapar de uma acusação de indiferença?

Resposta – Se eu voltasse hoje ao proscênio intelectual, começaria exatamente por aí: não basta afirmar Deus como “soberanamente justo e bom”, é preciso mostrar que essa justiça e essa bondade continuam plausíveis diante da cartografia do sofrimento que a ciência moderna expôs. A reencarnação não é truque teológico para salvar a honra de Deus, mas tentativa de dar continuidade à biografia do ser consciente além dos limites de uma única existência biográfica. No século XIX, eu já dizia: sem pluralidade de vidas, muitos sofrimentos seriam escandalosos; no século XXI acrescentaria: sem uma perspectiva transbiográfica, a própria história da vida na Terra, com suas extinções em massa, pareceria um laboratório cruel. A chave, para mim, continua sendo esta: Deus não fabrica sofrimento; oferece leis. A dor nasce do atrito entre a liberdade crescente das criaturas e essas leis. A reencarnação não apaga o enigma – mas impede que o absurdo seja a última palavra.



O princípio inteligente
é o aspecto interior,
experiential, de um
universo que, por fora,
a ciência descreve em
termos de moléculas e
seleções naturais

2. Alma e neurociência

P – O senhor distingue claramente alma e corpo, atribuindo à alma a inteligência e o senso moral. Como responde, hoje, à neurociência que mostra correlações fortíssimas entre estados cerebrais e estados mentais, chegando ao ponto de dissolver a personalidade em doenças degenerativas? Se a identidade pode ser profundamente alterada por lesões cerebrais, onde exatamente se localiza essa alma que o senhor define como "ser imaterial e individual"?

R – Eu nunca localizei a alma no cérebro; localizei o cérebro como instrumento de expressão da alma. O que a neurociência contemporânea demonstrou de forma admirável é a extrema delicadeza desse instrumento: ao se estragar o piano, a música não

desaparece do músico, mas a sua execução torna-se distorcida ou impossível. Quando uma lesão cerebral altera a personalidade, temos a interferência de um órgão defeituoso na manifestação de um princípio pensante que, em si, não se reduz àquele órgão. No século XIX, eu falei em "perispírito" como laço intermediário entre espírito e matéria; hoje eu diria que se trata de um campo de informação que molda e utiliza o cérebro, mas que não se limita a ele. A neurociência descreve o correlato, não a causa última da consciência. Quando o cérebro falha, a biografia psíquica visível se fragmenta; contudo, sob a perspectiva espírita, a história integral do ser é preservada em outro nível de registro, inacessível aos métodos puramente materiais.



Sem uma perspectiva transbiográfica, a própria história da vida na Terra, com suas extinções em massa, pareceria um laboratório cruel

3. Sobrevivência da alma e critério científico

P – Toda a sua doutrina repousa na existência e comunicabilidade dos Espíritos. Que evidência realmente robusta o Espiritismo oferece hoje, diante de critérios científicos atuais, para alguém que não aceita autoridade religiosa nem “testemunhos edificantes”, mas exige dados replicáveis, controles rigorosos e revisão por pares? As sessões mediúnicas do século XIX seriam suficientes para convencer um cientista do século XXI?

R – Se eu pretendesse, hoje, convencer o cientista contemporâneo, não me limitaria aos relatos do meu tempo: eu o convidaria a considerar o conjunto de pesquisas realizadas em parapsicologia, estudos de experiências de quase-morte, casos sugestivos de reencarnação, efeitos anôma-

los em mediunidade controlada, tudo isso submetido a metodologias mais sofisticadas do que as que eu dispunha em 1857. Eu mesmo, se reencarnado e lúcido, seria o primeiro a pedir protocolo duplo-cego [procedimento científico usado em pesquisas para evitar influência psicológica ou expectativa dos envolvidos], estatística, replicação independente. O “controle universal do ensino dos Espíritos” que propus era uma protociência do invisível; hoje, eu o ampliaria para um controle universal de dados, cruzando achados mediúnicos, neurológicos, psicológicos e sociológicos. A evidência espírita, portanto, não é um único experimento brilhante, mas uma confluência de indícios, consistências e padrões que, tomados em conjunto, tornam mais razoável admitir a sobrevivência da consciência do que reduzi-la a epifenômeno de um substrato que perece.

4. Origem dos Espíritos e biologia evolutiva

P – *O Livro dos Espíritos* fala de um “princípio inteligente” que evolui até se tornar Espírito, e de que “tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo”. Isso dialoga bem com Darwin, mas permanece vago: como encaixar, em termos conceituais, esse princípio inteligente na árvore da vida que a biologia evolutiva descreve? Não parece que o senhor sobrepõe uma narrativa espiritual a um processo bioquímico já bem explicado?

R – A teoria da evolução das espécies descreve, com grande acurácia, como as formas vivas se transformam, mas não se ocupa do porquê de existir algo em vez de nada, nem de por que a matéria, em certas condições, torna-se capaz de representar o mundo, simbolizar, amar, sacrificar-se. Quando falamos em “princípio inteligente”, não estamos dizendo que ele substitui o mecanismo evolutivo, mas que o utiliza como escola. A árvore da vida é o itinerário das formas; o princípio inteligente é o aluno invisível que, por meio dessas formas, aprende a pensar e a amar. No século XIX, eu só podia sugerir essa visão. Hoje, com as discussões sobre emergência da consciência, informação e complexidade, eu diria que o princípio inteligente é o aspecto interior, experiencial, de um universo que, por fora, a ciência descreve em termos de moléculas e seleções naturais. Não acrescento uma narrativa arbitrária; ofereço o lado subjetivo da mesma história que a biologia conta pelo lado objetivo.



A semente só honra sua natureza quando rompe a casca, brota, cresce e se oferece túmida ao mundo



by S Barros, "Decoding The Spirit's Book", (2026) for Revue Spirite 23

5. Reencarnação e memória

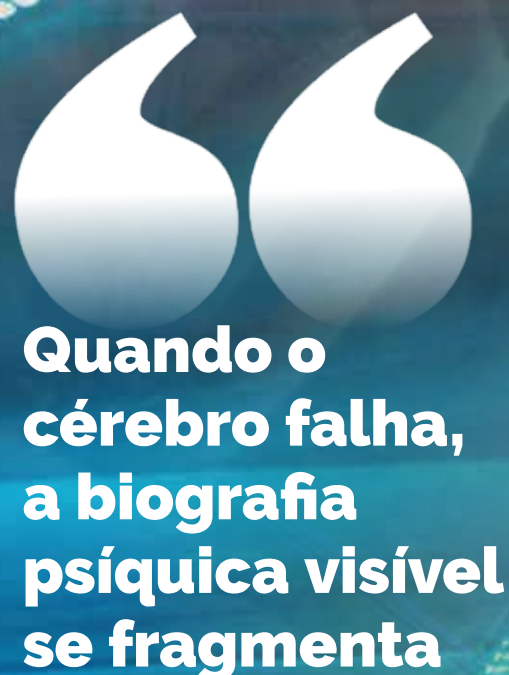
P – A reencarnação é apresentada como peça central de justiça e progresso. Mas a maior parte dos seres humanos não lembra de vidas passadas; e os poucos relatos de supostas memórias reencarnatórias são controversos. Como pode ser justo um sistema em que o réu não recorda os crimes, nem o mérito de suas boas ações?

R – A justiça divina não se organiza segundo o modelo de um tribunal humano, onde a lembrança explícita do delito é condição para julgamento. O que a reencarnação preserva não é o álbum fotográfico da memória, mas o saldo vivo da experiência: tendências, talentos, medos, afinidades, culpas difusas. Se o Espírito lembrasse, com nitidez, tudo o que fez, todo o bem e todo o mal, a vida presente seria insuportável: ressentimentos, vaidades, ódios antigos e humilhações se renovariam a cada encontro. O esquecimento parcial é anestesia pedagógica, não apagamento. A alma não perde o fruto das suas ações; perde a nitidez das cenas, para poder reencontrar os personagens em nova condição. Em termos psicológicos modernos, eu diria: o conteúdo é recalcado da consciência ordinária, mas permanece atuante no inconsciente espiritual, orientando a necessidade de reparação e aprendizado, que se manifesta em nossas escolhas e conflitos mais profundos.

6. Escala espírita e aristocracia invisível

P – A sua “escala espírita” fala em Espíritos imperfeitos, bons e puros. Não há aí um risco de criar um elitismo espiritual, uma espécie de aristocracia invisível que legitima hierarquias eclesiásticas, gurus e “missionários” autoproclamados superiores? Como evitar que essa classificação alimente orgulho e autoritarismo, em vez de humildade e serviço?

R – A escala espírita descreve estados de consciência, não castas espirituais. Ela foi concebida para que cada um avalie a si mesmo, nunca para que se coloque acima do próximo. Se um Espírito, encarnado ou desencarnado, reivindica para si um degrau elevado, justamente por isso demonstra não estar nele: a verdadeira superioridade espiritual se reconhece pela simplicidade, pela renúncia a títulos e pela disposição de servir sem se impor. No século XXI, com os abusos de poder religioso largamente documentados, eu insistiria mais ainda nesta regra prática: desconfiai de toda autoridade que se apresenta como “mais evoluída” e exige submissão. O critério permanece o mesmo de Jesus: “Pelos frutos os conhecereis”. Fruto, aqui, não é espetáculo mediúnico nem discurso brilhante, mas a capacidade de amar, de perdoar e de manter coerência ética mesmo quando ninguém está olhando.



**Quando o
cérebro falha,
a biografia
psíquica visível
se fragmenta**



Quem a lê com espírito cósmico percebe que o maior legado espírita é, sim, o que já sabemos, mas também é o que ousarmos descobrir dia a dia ao perlustrarmos seu universo de luz

by S Barros. "Decoding The Spirit's Book," (2026). for Revue Spirite 23

7. Leis morais e antropologia

P – O senhor fala de uma “lei divina ou natural”, inscrita na consciência, que define objetivamente o bem e o mal. Porém, a antropologia moderna mostra uma pluralidade enorme de códigos morais. Como sustentar a ideia de uma moral universal espírita sem ignorar o relativismo cultural e, ao mesmo tempo, sem cair num dogmatismo travestido de “lei natural”?

R – A diversidade de códigos morais não invalida a existência de princípios mais profundos que os atravessam. Assim como a linguagem possui milhares de idiomas e, ainda assim, podemos inferir uma gramática universal da comunicação humana, do mesmo modo os costumes variam,

mas certos valores reaparecem: o respeito à vida, a condenação da traição extrema, o reconhecimento da injustiça, a necessidade de cooperação. A “lei natural” que proponho não é código pronto, mas tendência de fundo da consciência rumo à fraternidade. O que muda de cultura para cultura são as formas pelas quais se tenta realizar essa tendência. No século XXI, eu articularia isso com os direitos humanos: eles são uma tentativa histórica de formular em linguagem jurídica aquilo que, em linguagem moral, chamei de lei divina. A função do Espiritismo não é impor um modelo cultural, mas ajudar cada povo a descobrir, por dentro dos seus próprios símbolos, aquilo que aproxima e não aquilo que separa.

8. Influência dos Espíritos e física moderna

P – *O Livro dos Espíritos* atribui aos Espíritos ação sobre a matéria e até sobre fenômenos da Natureza, chegando a falar que alguns seriam agentes de terremotos, tempestades etc. Como compatibilizar isso com a física moderna, que explica esses eventos por leis naturais independentes de vontades invisíveis, e com os princípios de conservação de energia e causalidade?

R – Quando, no século XIX, falei de Espíritos atuando nos fenômenos da Natureza, não pretendia substituir a tectônica de placas por uma “tectônica mediúnica”. Tratava-se de indicar que, por detrás da mecânica cega das forças físicas, há uma ordem inteligente que as coordena em grande escala. Hoje eu diria assim: a física descreve o como imediato; o Espírito, quando intervém, não cria exceções arbitrárias às leis, mas opera através delas, modulando condições iniciais, influenciando em probabilidades, sem jamais violar a estrutura racional do Universo. A conservação de energia permanece intacta; o que varia é a forma como sistemas complexos respondem a influências sutis. Não proponho “mágica” que interrompa as leis, mas um diálogo entre níveis: o nível físico, regido por regularidades matemáticas, e o nível consciente, capaz de atuar dentro dessas leis, esteja o Espírito encarnado ou em condição espiritual.





**O paraíso é a
consciência
que se
harmoniza
com o bem**

9. Mesas girantes e raridade atual

P – No seu tempo, as mesas girantes, pancadas, materializações e outros fenômenos físicos pareciam frequentes. Hoje, com câmeras de vigilância por toda parte, celulares e laboratórios, quase não vemos algo semelhante registrado de modo convincente. Isso não enfraquece a alegação de que tais fenômenos são reais e relevantes?

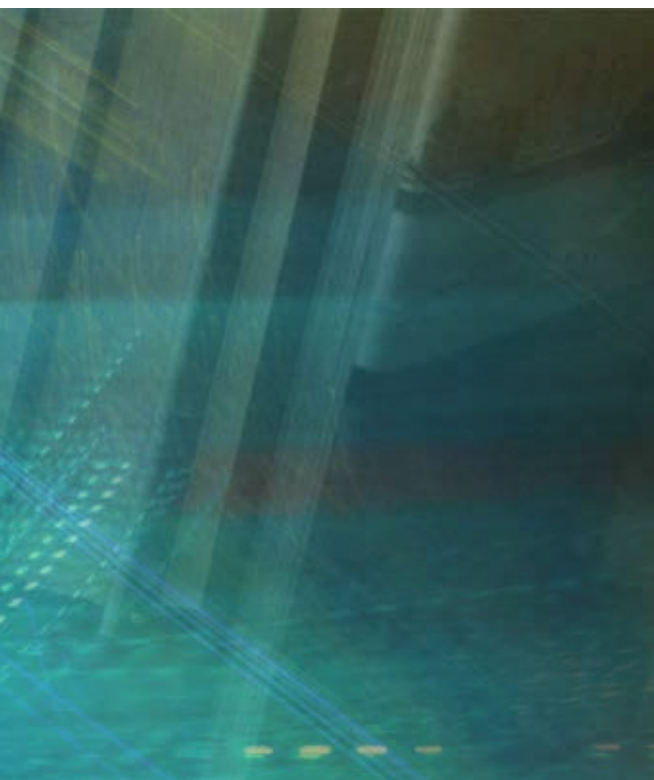
R – A manifestação espírita acompanha o grau de maturidade intelectual de uma época. No século XIX, as mesas girantes foram mero choque pedagógico: sacudiram o materialismo grosseiro, chamando a atenção para um fenômeno que, a partir dali, poderia ser estudado com mais seriedade. Uma vez cumprida essa função, os fenômenos ostensivos tendem a rarear ou a deslocar-se para ambientes menos espetaculares e mais íntimos. Hoje, eu diria que a prova mais importante da intervenção espiritual não está em objetos que

flutuam, mas em consciências que se transformam, em curas morais, em mudanças profundas de caráter. Com o tempo, os fenômenos materiais tornam-se naturalmente menos frequentes, não por retração do plano espiritual, mas porque a Humanidade já dispõe de recursos intelectuais para compreender a Doutrina por dentro, sem depender tanto do espetáculo.

10. Livre-arbítrio e genética

P – O senhor defende o livre-arbítrio como pilar da responsabilidade moral. Mas, hoje, conhecemos a influência da genética, traumas de infância, contexto socioeconômico e até predisposições neurológicas sobre o comportamento humano. Em que medida ainda faz sentido falar em liberdade de escolha, sem minimizar esses condicionamentos poderosos?

R – O livre-arbítrio, tal como o concebemos, nunca foi absoluto; é sempre rela-



tivo ao grau de consciência. As descobertas modernas sobre genética, neurociência e sociologia apenas aprofundam isso: ninguém escolhe seus genes, sua família, sua cultura, seus traumas. A verdadeira liberdade não é poder fazer qualquer coisa a qualquer momento, mas poder, pouco a pouco, distanciar-se dos condicionamentos que nos estruturam. Em termos espíritas, os limites atuais – genéticos, psicológicos, sociais – são, em parte, resultados de escolhas anteriores, realizadas em outras existências, e, em parte, oportunidades de crescimento. Em termos laicos, eu diria: somos menos livres do que gostaríamos, porém mais livres do que pensamos. A responsabilidade moral começa no primeiro milímetro em que posso dizer “não” a um impulso destrutivo, por menor que seja. É esse milímetro de liberdade que a reencarnação, repetidamente, tenta ampliar.

11. Estado futuro da alma e psicologia

P – A descrição das penas futuras no seu livro fala de sofrimentos íntimos, remorsos, impossibilidade de fugir de si mesmo. Os psicólogos, porém, descrevem culpa, trauma e angústia em termos neuropsicológicos e socioculturais. Não seria essa “vida futura” apenas uma projeção mitológica de estados psíquicos que já conhecemos aqui, retocada com tintas religiosas?

R – Quando falei de penas e gozos futuros como estados da alma, já estava, em germe, propondo uma visão psicológica da vida após a morte: o inferno é a consciência que acorda para o mal praticado; o paraíso é a consciência que se harmoniza com o bem. A psicologia moderna oferece linguagem e ferramentas preciosas para entender isso. A diferença é que, no Espiritismo, esses estados não são limitados ao curto intervalo entre nascimento e morte física: eles se prolongam, intensificados, num plano em que não temos mais o anestésico da carne, das distrações diárias, dos mecanismos de defesa sociais. Dizer que a vida futura é projeção da psique não nega a sua realidade espiritual; apenas reconhece que a alma leva consigo o próprio mundo interior. Eu diria hoje: a psicologia estuda a geografia do inferno e do céu dentro de nós; o Espiritismo apenas diz que essa geografia não se evapora com o último suspiro.



A psicologia estuda a geografia do inferno e do céu dentro de nós

12. Justiça reencarnacionista e injustiças sociais

P – A ideia de provas e expiações pode ser usada – e às vezes é – para justificar desigualdades sociais (“pobre sofre porque deve”, “deficiente é resgate de vidas passadas”). Como impedir que a sua doutrina seja usada para legitimar injustiças estruturais em vez de combatê-las com vigor?

R – Se alguém usa a reencarnação para cruzar os braços diante do sofrimento alheio, não entendeu a reencarnação, e muito menos o Cristo. Saber que uma situação dolorosa possa ter raízes remotas não diminui

em nada o dever, aqui e agora, de aliviar esse sofrimento. Ao contrário: torna esse dever ainda mais urgente, porque nos recorda que talvez tenhamos participado, no pretérito, da construção da própria injustiça que hoje contemplamos. Eu jamais disse que a miséria é “castigo”; disse que ela pode ser prova, pode ser consequência, pode ser escolha de aprendizado – mas, para quem está ao lado de quem sofre, a única atitude espírita coerente é esta: agir como instrumento da misericórdia divina. Emoções de superioridade ou indiferença não são reencarnacionistas; são apenas egoísmo travestido de doutrina.



by S Barros. "Decoding The Spirit's Book." ,(2026). for Revue Spirite 23

13. Pluralidade dos mundos habitados e astrofísica

P – O senhor afirma a pluralidade dos mundos habitados e descreve diferentes níveis de moralidade e progresso em outros planetas. A astrobiologia, porém, ainda não encontrou qualquer evidência de vida fora da Terra. Não é arriscado afirmar tão categoricamente aquilo que a ciência ainda não conseguiu sequer entrever?

R – Quando, em meu tempo, falei em pluralidade dos mundos, apoiei-me numa dupla linha de raciocínio: a vastidão do Universo observável e o princípio de que a natureza não faz nada inútil. Parecia-me – e ainda me

parece – extremamente improvável que apenas um minúsculo planeta, perdido numa galáxia mediana, abrigue vida consciente. A astrobiologia atual, ao não encontrar ainda sinais de vida, não prova a inexistência de civilizações; apenas mostra os limites dos nossos instrumentos. Eu não descrevi, em detalhes físicos, a biologia desses mundos; descrevi, em linguagem moral, estados de consciência compatíveis com diferentes níveis evolutivos. Se amanhã a ciência confirmar vida fora da Terra, o Espiritismo terá sido apenas um precursor intuitivo; se demorar séculos, o princípio continua plausível: um Universo tão rico dificilmente é cenário vazio.



A responsabilidade moral começa no primeiro milímetro em que posso dizer “não” a um impulso destrutivo, por menor que seja

14. Sexo, gênero e orientação sexual

P – *O Livro dos Espíritos* trata de “sexos dos Espíritos” e fala de provas ligadas à vida sexual, mas não conheceu os debates modernos sobre identidade de gênero, transexualidade e diversidade de orientação afetiva. Como um Kardec do século XXI reinterpretaria esses temas, à luz do que hoje sabemos sobre psicologia, biologia e direitos humanos?

R – Se eu tivesse em meu tempo os elementos que a ciência e a experiência social trouxeram hoje sobre gênero e sexualidade, eu seria ainda mais categórico ao afirmar que o Espírito, em si, não possui sexo biológico, apenas experiências sucessivas

em corpos de diferentes sexos, culturas e papéis sociais. As variações de identidade de gênero e de orientação sexual não são “anomalias” morais, mas expressões complexas de um passado espiritual vasto, de tendências profundas e, muitas vezes, de tarefas específicas ligadas à sensibilidade, à empatia, às provas e à quebra de preconceitos. Qualquer leitura espírita que legitime discriminação contra pessoas LGBT+ trai o núcleo moral da doutrina, que é justiça, amor e caridade. O que se pede ao encarnado, independentemente de sua condição, é responsabilidade afetiva, respeito próprio e respeito ao outro – não conformidade a um molde único de família ou de desejo.



by S Barros, "Decoding The Spirit's Book," (2026), for Revue Spirite 23

15. Suicídio, depressão e saúde mental

P – O senhor condena o suicídio como grave falta, com consequências dolorosas no Além. Mas, hoje, entendemos melhor a depressão, os transtornos mentais, as vulnerabilidades biológicas e sociais. Não seria necessário reformular a maneira como o Espiritismo fala do suicídio, para não agravar a culpa de quem já sofre, nem simplificar um fenômeno tão complexo?

R – No século XIX, eu já dizia que Deus julga a intenção e as circunstâncias, não apenas o ato em si. Hoje eu iria mais longe: falar de suicídio apenas em termos de "crime contra Deus" é ignorar o peso das doenças

mentais, das pressões sociais, do sofrimento psíquico quase inenarrável que muitos experimentam. A perspectiva espírita continua afirmando que a vida é bem inalienável e que o suicídio rompe, de modo abrupto, um processo educativo, gerando sofrimentos adicionais. Mas essa afirmação não pode ser usada como ameaça ou estigma. Ela deve servir para mobilizar a sociedade a cuidar mais, a acolher melhor, a tratar seriamente da saúde mental, e nunca para condenar quem sucumbiu. Para aquele que caiu, a mensagem espírita deve ser: "Tu és mais do que o teu último gesto. Há recomeço, há tratamento, há amparo. A pedagogia divina não se encerra num momento de desespero."



As variações de identidade de gênero e de orientação sexual não são “anomalias” morais, mas expressões complexas de um passado espiritual vasto

16. Religiões, exclusivismo e revelação progressiva

P – O senhor vê o Espiritismo como “terceira revelação” e desdobra o Cristo num plano filosófico. Como evitar que isso seja interpretado como pretensão de superioridade sobre outras tradições religiosas, em um mundo que valoriza cada vez mais o diálogo inter-religioso e a pluralidade de caminhos espirituais?

R – Quando falei em “terceira revelação”, referia-me a uma etapa da compreensão humana de Deus e da alma, não a um privilégio sectário. Hoje, eu seria ainda mais incisivo na linguagem, sublinhando que a revelação é sempre progressiva e multifocal: Deus não falou apenas por Moisés, por Jesus ou pelos Espíritos que se comunicaram através dos médiuns da França do século XIX. Ele se exprime, em graus diversos, nas grandes tradições religiosas da Humanidade, e mesmo fora delas, no pensamento filosófico e científico. O Espiritismo, a meu ver, oferece um conjunto coerente de respostas que articulam razão, fé e experiência mediúnica, mas não é a “única porta para o céu”. Sua grandeza não está em ser exclusivista, e sim em ser uma escola de diálogo, capaz de reconhecer e assimilar, sem medo, a verdade que se manifesta também nos outros.

17. Instituições espíritas e espírito crítico

P – O senhor insistiu que o Espiritismo não deveria engessar-se em dogmas e que “fora da caridade não há salvação”. No entanto, hoje vemos instituições espíritas às vezes rígidas, burocráticas, pouco abertas a pesquisa, à autocrítica e até às ciências humanas modernas. Se estivesse encarnado, que crítica faria ao movimento espírita institucional?

R – A crítica que eu faria é a mesma que fiz aos corpos dogmáticos do meu tempo: toda vez que uma ideia viva se cristaliza em regulamento inflexível, corre-se o risco de trair seu espírito em nome de sua letra. O Espiritismo nasceu como interrogação, como método de confronto entre mensagens espirituais e razão. Quando federações e centros se fecham ao debate, ao diálogo com a ciência e com as questões contemporâneas, afastam-se da própria proposta kardequiana. Eu diria aos dirigentes: não temais rever interpretações; temei apenas perder a disposição de estudar, comparar, corrigir, amadurecer. E lembraria que a verdadeira autoridade espírita não está em cargos, mas na capacidade concreta de consolar, esclarecer e transformar consciências pelo exemplo e pelo serviço ao próximo.



**O inferno é a
consciência que
acorda para o mal
praticado**

18. Método espírita e ciência do século XXI

P – O senhor propôs o “controle universal do ensino dos Espíritos” como critério de validação doutrinária. Mas hoje temos estatística, epistemologia, teoria dos vieses cognitivos [tendências inconscientes que fazem a mente se enganar sem perceber], método experimental refinado. Como o senhor atualizaria o método espírita, para que ele dialogasse de igual para igual com a ciência contemporânea, sem se tornar pseudociência?

R – O controle universal que propus era, por assim dizer, uma protometodologia: comparar mensagens, verificar sua concordância em diferentes lugares e médiuns independentes, confrontá-las com a razão e

com o senso moral. Hoje, eu acrescentaria a isso ferramentas quantitativas e qualitativas que a ciência desenvolveu: controles cegos, análise estatística de resultados, estudo de vieses, replicação independente, revisão por pares multidisciplinares. Não pretendo transformar o Espiritismo numa “física do Além”, mas creio que é possível criar uma ciência do Espírito que respeite os critérios de rigor: hipóteses claras, dados acessíveis, discussão aberta, possibilidade de refutação. Isso exigiria humildade dos espíritas, disposição para abandonar crenças mal fundamentadas e coragem para incorporar descobertas que pareçam, num primeiro momento, desconfortáveis. A meu ver, essa é a continuação natural da obra que iniciei.



**A verdadeira
superioridade espiritual
se reconhece pela
simplicidade,
pela renúncia a títulos
e pela disposição de
servir sem se impor**

19. Política, justiça social e neutralidade

P – Sua obra evita detalhes de política e se concentra na moral individual. Porém, hoje falamos muito de justiça social, estruturas de opressão, racismo, patriarcado, desigualdades econômicas. O Espiritismo deve permanecer neutro nesses temas, sob risco de se instrumentalizar, ou deve assumir posições mais claras em defesa de reformas sociais concretas?

R – O Espiritismo, enquanto doutrina, não deve ser partido político; mas, enquanto ética viva, não pode ser neutro diante da injustiça. No século XIX, eu já dizia que a lei de progresso implica transformação das instituições humanas. Hoje, com a consciência maior das desigualdades estruturais, eu diria: não basta mudar o coração sem mudar também as condições que esmagam esses corações. O espírita é chamado a atuar onde estiver: no serviço social, na educação, na política, na economia, sempre orientado por um critério simples – promover a dignidade de todos, reduzir o sofrimento evitável, ampliar o acesso a direitos básicos. O risco de instrumentalização existe, mas o risco de omissão é maior. O que importa é que, em qualquer posição, o espírita não se esqueça de que o adversário político continua sendo irmão espiritual, e que o fim último não é vencer debates, mas construir, passo a passo, uma sociedade mais justa.

20. Atualização de *O Livro dos Espíritos*

P – Por fim: se o senhor estivesse hoje entre nós, aceitaria rever, corrigir ou até abandonar alguns pontos de *O Livro dos Espíritos* à luz dos avanços científicos, filosóficos e morais do século XXI? Ou consideraria a codificação um corpo de verdades definitivas?

R – Se eu considerasse a codificação definitiva, teria traído um dos seus princípios centrais: a submissão contínua à prova da razão e da experiência. Desde o início, afirmei que, se a ciência demonstrasse que uma verdade espírita estava equivocada em algum ponto, o Espiritismo deveria modificar-se nesse ponto. Hoje eu não hesitaria em propor, ao lado da edição clássica, edições anotadas, comentários críticos, atualizações terminológicas e conceituais que ajudassem o leitor a distinguir o núcleo perene – imortalidade, progresso do Espírito, lei de causa e efeito, primado da caridade – dos elementos circunstanciais, ligados ao nível de ciência e cultura do século XIX. Um livro que não pode ser revisado é um ídolo; *O Livro dos Espíritos*, para permanecer fiel a si mesmo, precisa ser, ele também, um Espírito em evolução.

Conclusão

Se Kardec pudesse sentar-se à mesa conosco nos dias atuais, veria o século XXI não como ameaça, mas como território fértil onde o pensamento pode prosseguir sua marcha com segurança e serenidade. A Codificação não é fósforo guardado em redoma: é semente pulsando nas almas. E a semente só honra sua natureza quando rompe a casca, brota, cresce e se oferece túmida ao mundo. Que este exercício de perguntas duras e respostas amplas seja convite para não temermos a razão que questiona nem idolatrar a obra a ponto de congelá-la. Pois doutrina viva não é a que se superprotege – é a que se prova, se amplia e se aplica à vida que evolui sem cessar. Quem a lê com espírito cósmico percebe que o maior legado espírita é, sim, o que já sabemos, mas também é o que oursarmos descobrir dia a dia ao perlustrarmos seu universo de luz. *O Livro dos Espíritos* permanece aberto – e somos nós agora, ao vivenciá-lo com lucidez e coragem, que podemos e devemos escrever suas próximas linhas em nossas almas enquanto caminhamos pelas veredas da Eternidade.





**Doutrina viva não é a
que se superprotege
- é a que se prova, se
amplia e se aplica à
vida que evolui sem
cessar**

JORGE ELARRAT*

**Resumo**

Allan Kardec inicia as discussões morais com a lei natural, definida pelos Espíritos como a lei de Deus, única verdadeira para a felicidade humana. Segundo a Doutrina Espírita, há um Criador que estabelece essa lei, e somente vivendo de acordo com ela o homem alcança a felicidade; afastar-se dela gera infelicidade. Moisés trouxe orientações sobretudo negativas (“não fazer”), enquanto Jesus apresentou uma mensagem afirmativa, indicando o que devemos fazer por meio do amor e da caridade. A lei natural ensina o que fazer ou evitar, e o homem só é infeliz quando dela se afasta. Sofrimento e infelicidade não são equivalentes. Exemplos como Paulo de Tarso mostram que, mesmo em meio a grandes sofrimentos, é possível manter plenitude interior. A vivência da lei de Deus não elimina dores, mas preserva a felicidade interior.

Palavras-chave: Lei natural, lei de Deus, felicidade, infelicidade, boa conduta.



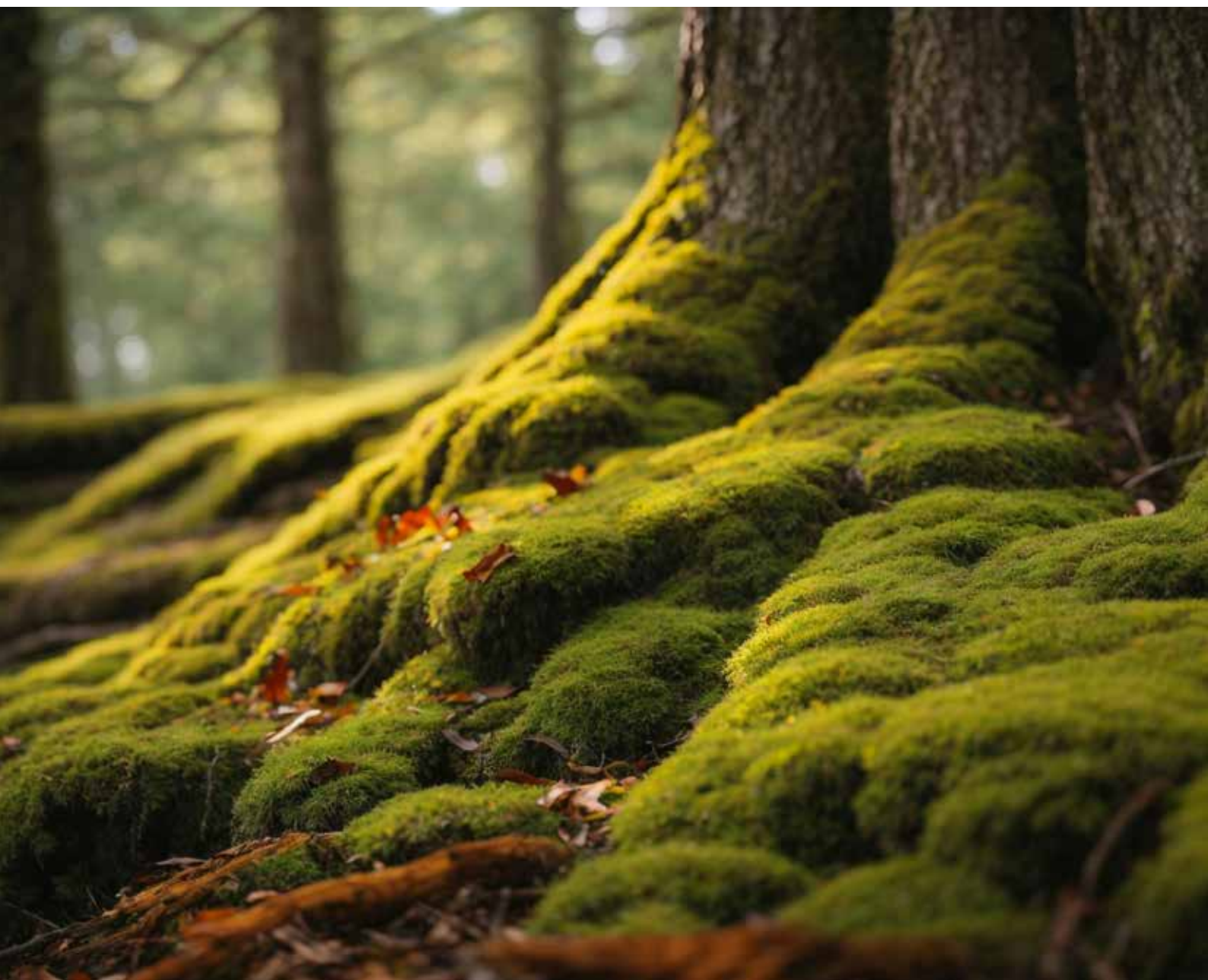
Espiritismo & Filosofia

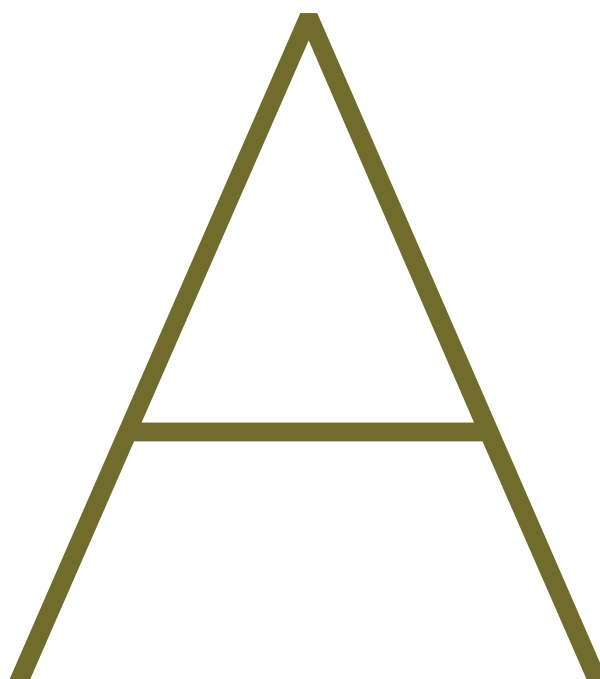


***Jorge Elarrat** Trabalhador da Federação Espírita de Rondônia (FERO) nas áreas de Juventude, Estudo Doutrinário e Unificação; conferencista internacional.



Lei Natural e **Felicidade**





primeira pergunta com a qual Allan Kardec abre as discussões morais é uma pergunta de caráter conceitual, lógico, o de lei natural ou lei que rege a natureza.

Os Espíritos respondem que a lei natural é a lei de Deus, a lei do Criador. Ou seja, a lei da natureza tem um criador, de acordo com a visão de mundo da Doutrina Espírita. Existe um Criador, uma força criadora, um autor atento, criador dessa lei como um todo.

Na sequência desse texto, os Espíritos acrescentam que essa lei "É a única verdadeira para a felicidade do homem". O que significa que não existe outro caminho para conduzir o homem à felicidade que não seja viver a lei de Deus. E isso acontece porque Deus o estabeleceu, já que criou a lei e aqueles que nela se movimentam.



Não existe outro caminho para conduzir o homem à felicidade que não seja viver a lei de Deus

Deus decidiu entregar a felicidade aos homens, mas com um detalhe: essa felicidade destina-se àqueles que viverem de acordo com a lei. Enquanto não viverem essa lei não serão felizes. Só quando se identificam com a lei é que alcançam a felicidade, enquanto não o fazem, passam por uma série de experiências desnecessárias, de sofrimento.

É assim necessário conhecer a lei e, mais do que conhecê-la, praticá-la. Quando tal acontece, o ser humano começa, automaticamente, a experimentar a felicidade. Então, ela “é a única verdadeira para a felicidade do homem”. Porque eu posso inventar uma série de coisas para tornar o homem feliz, mas uma só é eficaz e verdadeira.

No ponto de evolução em que a Humanidade se encontra, já sabemos qual o caminho que conduz à felicidade, porque além de sabermos que a lei de Deus é o único caminho, também já sabemos quais são as formas de conduta para percorrê-lo, reveladas por Jesus, quando esteve entre nós fisicamente.

Na sequência das indicações citadas acima, os Espíritos da Codificação, referem que essa lei nos ensina o que devemos fazer ou deixar de fazer.

Se lembrarmos os dez mandamentos, vemos que oito deles começam com a palavra “não”: Não terás outros deuses diante de mim, não farás es-

culturas; não tomarás o santo nome de teu Deus em vão; não matarás; não adulterarás; não roubarás; não prestarás falso testemunho e não cobiçarás as coisas do próximo.

Logo nessa primeira etapa da revelação divina, não recebemos muitas informações sobre o que fazer, mas recebemos muitas indicações sobre o que não devemos fazer.

Teríamos de aguardar a chegada de Jesus para que nos chegasse a mensagem positiva, no sentido de que é uma mensagem afirmativa. Já não nos é dito “Não faça isso”, mas sim “Amai os vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, orai pelos que perseguem, caluniam”, “E dá a qualquer que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir”, “Vinde a mim todos que vos achais cansados e aflitos, e eu vos aliviarei”. A proposta da mensagem de Jesus é bastante afirmativa, positiva.

Moisés e Jesus trouxeram orientações sobre a lei. Moisés, sobretudo sobre o que não fazer, Jesus sobre o que devemos fazer. Daí as palavras a Kardec: “Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer”.

Por aquilo que a Doutrina Espírita nos oferece, temos hoje grandes possibilidades de fazer uma mudança muito forte nas nossas vidas, desde que decidamos viver aquilo que sabemos.



Infelicidade é muito diferente de sofrimento

O final da resposta dos espíritos a que nos reportamos tem um trecho muito profundo: “A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer. E, ele só é infeliz quando dela se afasta”.

Os Espíritos não referem que aquele que cumpre a lei de Deus não vai sofrer. O que dizem é que não vai ser infeliz. Isto porque infelicidade é muito diferente de sofrimento. Eu posso sofrer muito e não ser infeliz, e posso não sofrer e ser infelicíssimo¹. Há uma diferença muito grande entre sofrimento e infelicidade.

1. Por vezes, certas pessoas dizem: - Eu tenho tudo, meu marido me ama, tenho casa, tenho emprego, sou feliz, sou saudável. Eu não tenho nenhum problema grave, mas eu sou profundamente infeliz. Há uma tristeza dentro da minha alma que não passa. Sou muito infeliz.

Por outro lado, há pessoas que passam por muitas dificuldades, sofrem absurdamente, mas estão sempre sorrindo, têm condição de superar as perdas, as dores, os traumas, constroem suas vidas e traçam as suas histórias.



Temos hoje
grandes
possibilidades
de fazer uma
mudança muito
forte nas nossas
vidas

Se eu não me afastar da lei de Deus, eu não estou isento de sofrimento, mas não vou ser infeliz. Atravessarei o sofrimento, mas infelicidade eu não terei.

Saulo de Tarso, quando se converteu ao cristianismo, abandonou a sua vida de doutor da lei e foi para o deserto de Palmira. Ficou ali durante uns anos, convivendo com o casal Áquila e Prisca, e quando saiu dali estava emagrecido, as mãos calosas, a pele queimada do sol. Passou então a viver uma vida de muitos sofrimentos, fome, doenças, pedradas, açoites, humilhações, torturas. Quantos amargores! Saulo, que se converteria em Paulo, atravessaria durante os seus quase 40 anos de pregação do Evangelho, sofrimentos bárbaros. Há um episódio em que Paulo de Tarso e o seu companheiro de viagem, Barnabé, estão indo para Antioquia da Pisidia. A cidade era longe, e na noite em que iam começar a viagem se reúnem na tenda, comentando que tinham um tesouro maravilhoso, a riqueza das suas vidas, que era o Evangelho. Entretanto, ladrões os ouvem, avançam na tenda, batem-lhe e levam-lhe todo o dinheiro, a

comida e até o Evangelho. Porque tinham ouvido a palavra "tesouro". Então, Paulo e Barnabé prosseguem a viagem, sem dinheiro e sem comida. Quando chegam ao seu destino estão magros, doentes, cansados, subnutridos. No entanto, conseguem emprego, Paulo como tecelão, Barnabé como oleiro. O patrão de Paulo, se agrada dele e dá-lhe duas túnicas usadas, que ele recebe com grande alegria. Não se tem notícia que Paulo tenha sido infeliz.

Então, a infelicidade é um estado de espírito interior e o sofrimento é aquilo que se passa na nossa vida. A lei de Deus garante ao homem a condição de estar preenchido por dentro, ainda que do lado de fora o mundo esteja em desalinho. A compreensão e vivência da lei natural não vai tornar a nossa vida um paraíso, mas vai fazer com que não sejamos mais infelizes, porque encontrámos uma compreensão de vida completamente diferente. Temos o sofrimento, mas não temos a infelicidade. E essa capacidade de releitura da vida abre todas as discussões sobre a lei natural.



**A capacidade de
releitura da vida
abre todas as
discussões sobre
a lei natural**

Fé Inabalável

Espiritismo & Religião





Como Podemos Ser Felizes



* **Ana Tereza Camasmie** Psicóloga clínica e psicoterapeuta, doutorada pela UFF e mestre em Filosofia (PUC-SP). Docente e responsável pela capacitação de coordenadores no Centro Espírita Tarefeiros do Bem (RJ). Autora e palestrante espírita. Brasil.



By SBarros, "We can be happy" (2026), based on Vitaly Mazur, on Unsplash

“ **Não se muda
o coração dos
homens por meio
de ordenações**

**“ Liberdade é
correspondente à
dimensão de nossa
maturidade moral**



**Resumo**

Para o espiritismo o egoísmo e o orgulho são dois obstáculos para o progresso da humanidade. Ambos ferem a lei divina de amor, que preconiza a fraternidade como fundamento para conquista de virtudes sociais. Há que se desenvolver o sentimento de fraternidade para que possamos nos tornar espíritos cada vez mais livres. E assim, libertos da ignorância que por hora ainda nos envolve, poderemos cumprir com mais clareza nossas tarefas junto aos nossos irmãos: que possamos ser com eles o que gostaríamos que fossem conosco.

Palavras-chave: fraternidade, igualdade, liberdade, caridade, lei divina, consciência.



By SBarros, "We can be happy" (2026), based on Vítaly Mazur, on Unsplash



**A lei divina
de equilíbrio
habita nossa
consciência**



Na questão 621 de *O Livro dos Espíritos* temos que a lei divina está inscrita na nossa consciência, o que muito nos protege e ao mesmo tempo nos responsabiliza. Deus colocou esta bússola natural, referência divina, ao alcance de todos nós, uma vez que nos constitui. Podemos compreender

isso como misericórdia divina, pois que se a lei divina constasse fora de nós, seria muito mais difícil senti-la, percebê-la e segui-la para conquistarmos o equilíbrio que tanto buscamos para sermos felizes. Por outro lado, saber que ela nos habita nos retira qualquer justificativa de permanecermos na ignorância. Na verdade, todos podemos conhecê-la, mas nem sempre conseguimos porque a aproximação ou afastamento das leis divinas se dá através de nossas ações. Portanto não é um ato mental, intelectual, conhecer este diapás amoroso, ao qual estamos em constante processo de afinação, conscientes ou não. Sabemos que quanto mais nos afastamos, mais desafinamos, mais nos tornamos vulneráveis às paixões, aos vícios morais, porque nossa situação moral ainda corresponde muito mais a esta faixa vibratória. Somos frágeis ainda para resistir de pronto a estes chamados da vida material, custando muito para as nossas almas a sustentação de atitudes e pensamentos dirigidos para o bem, de modo constante, em vibrações mais elevadas, de equilíbrio espiritual. Por outro lado, a cada vez que conseguimos sustentar um pouco mais essa afinação espiritual ao diapás divino, mais equilíbrio conquistamos e nosso patrimônio moral vai ganhando dimensão. Mesmo quando há quedas morais, nossa alma já conhece o caminho de volta, e todo esforço feito na direção da aproximação das leis será bem-vindo. Deus aguarda pacientemente que cada um de nós possa voltar para casa, de braços abertos, qual filho pródigo que todos nós somos.

Sendo assim, temos a bússola em nossos corações, mas não é ela quem decide nossos destinos. Temos a liberdade de tomar caminhos que correspondam aos nossos anseios, e iremos responder a cada um deles. A questão é que o âmbito de nossa liberdade é correspondente à dimensão de nossa maturidade moral. Significa que nossas escolhas podem parecer “livres”, porque parece que podemos fazer o que queremos, já que somos dotados de livre-arbítrio. Mas a questão reside em perceber o quanto nosso querer se encontra profundamente aprisionado às nossas paixões. Portanto liberdade aqui não é fazer o que se quer, mas o que fazemos, a partir do que somos, tendo como referência a lei divina de equilíbrio que habita nossa consciência. Por isso é que afirmamos que quanto mais próximos as leis divinas, mais saudáveis seremos e no seu inverso, mais adoecidos estaremos.

Podemos assim compreender que a liberdade humana depende do grau de consciência que nossa maturidade moral permitir. Não temos elevação espiritual suficiente para nos considerarmos plenamente livres, inclusive porque não suportaríamos toda essa dimensão em nossas mãos imaturas. Deus nos concede o tempo como recurso para conquistarmos passo a passo os degraus de amadurecimento e consequente liberdade espiritual.

Se todos nós queremos tanto esse crescimento, esse progresso espiritual que nos libertaria do sofrimento ao qual nos encontramos neste mundo de provas e expiações, o que seria o maior obstáculo para tal? Essa é justamente a pergunta que Kardec faz aos espíritos¹, que informam ser o egoísmo e o orgulho. No entanto, se o egoísmo é um grande obstáculo, a caridade é justamente a maior alavanca. Se queremos nos libertar do egoísmo que tanto nos afasta das leis divinas e da felicidade que tanto queremos alcançar, já sabemos o caminho: “fora da caridade não há salvação”², como Kardec bem nos ensinou. E não há como se falar em caridade se não desenvolvermos o sentimento de fraternidade entre nós. Ou seja, para libertação do egoísmo, só o caminho da fraternidade oferece as condições para que possamos praticar a caridade que nos salva, que nos equilibra, que nos eleva à condição de filhos de Deus que somos.

1. Kardec, “O Livro dos Espíritos”, q. 785

2. Kardec, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, Cap XV, item 8.



By SBarros, "We can be happy" (2026). based on Vitaly Mazur, on Unsplash

**A felicidade
está intimamente
ligada aos esforços
que empreendermos
para vencer o
egoísmo**





**“É no exercício de
várias ações na
direção do bem
comum que o
egoísmo diminui**



Para aprofundarmos esta reflexão, temos em *Obras Póstumas* um texto muito rico de Kardec sobre o lema tripartite da Revolução Francesa: liberdade-igualdade-fraternidade³. Ele afirma que quando estes princípios forem praticados de modo integral e amadurecido, representará uma grande conquista de progresso da humanidade. Uma felicidade social se constituiria então pela liberdade de ser e de se expressar, sem que haja qualquer tipo de opressão entre as pessoas, na qual todos tenham os mesmos direitos ou seja, sem privilégios, e que vivam fraternalmente, de modo que todos busquem o bem comum entre si. Embora essa felicidade seja tão desejada por todos nós, há uma enorme dificuldade de nos dirigirmos a ela. Kardec localiza este impedimento no egoísmo, que ainda se mostra dominante em nossa realidade evolutiva. Esse obstáculo é tão intenso que ele denomina de "chaga", que tanto paralisa os esforços quanto destrói qualquer obra de empreendimento do bem comum. Portanto nosso progresso, e, por conseguinte nossa felicidade, está intimamente ligada aos esforços que empreendermos para vencer o egoísmo, esse interesse pessoal que não nos permite avançar o tanto que poderíamos em direção à plenitude do ser divino que todos nós somos. É por isso que para qualquer lugar de sofrimento que nosso olhar se dirija, é possível identificar a presença do egoísmo na origem dos acontecimentos difíceis ou na maneira como lidamos com eles.

É justamente pela nossa necessidade de sairmos do egoísmo para progredir, que Kardec vai propor uma mudança na ordem das palavras do lema francês, oferecendo à Fraternidade o lugar de primeira linha. Para ele, sentir e vivermos como irmãos é a base da conquista da felicidade humana. Sem ela não nos será possível conquistar igualdade nem liberdade de modo efetivo, pois é a fraternidade que dá sentido e consistência a ambas. Se assim não for, corremos o risco de torná-las vulneráveis ao sabor das paixões, sem qualquer finalidade espiritual.

3. Kardec, "Obras Póstumas", 233.

Mas há um ponto essencial quanto ao sentimento de fraternidade que requer esforço pessoal. É que ser fraterno não acontece pelo fato de ser algo bom e que bastaria o cumprimento de regras educativas. Fraternidade brota do sentimento genuíno de amor que desenvolvemos uns pelos outros. Quanto mais nós cuidamos uns dos outros, quanto mais nos interessamos pelo que acontece com os outros ao nosso redor e queremos fazer algo por eles, sem interesse pessoal oculto, é que o egoísmo vai cedendo lugar ao bem que nos faz bem. E isto acontece aos poucos, porque “não se muda o coração dos homens por meio de ordenações”⁴, ou seja, é no exercício de várias ações na direção do bem comum que o egoísmo diminui, é no esforço de olharmos para as necessidades dos outros e buscarmos atendê-las do modo como gostaríamos que cuidassem das nossas.

Interessante acrescentar aqui que a medida da fraternidade já tinha sido trazida por Jesus, quando se referiu ao Mandamento Maior:

“Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus respondeu: Ame ao Senhor, o seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame ao seu próximo como a você mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mateus, 22:36-40). O amor não muda de extensão e cuidado seja quando me dirijo a mim mesmo ou ao próximo.

Vencida essa primeira etapa de estender nosso olhar para além de nós mesmos, há que se cuidar das dificuldades naturais que decorrem dos ambientes não tão fraternos que costumamos viver. Como nos diz o Espírito Fénelon⁵: “O choque, que o homem experimenta, do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva”⁶. O que este educador nos aponta é que precisamos estar atentos ao cuidado conosco mesmos quando estivermos decididos a superar nosso egoísmo.

4. Idem, 236.

5. O Espírito Fénelon que é autor desta mensagem, foi François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715), um arcebispo, teólogo, poeta e educador francês, conhecido por seu amor ao próximo e espiritualidade profunda, e que se tornou um dos espíritos colaboradores da Codificação elaborada por Allan Kardec.

6. 7Kardec, “O Livro dos Espíritos”, q. 917.

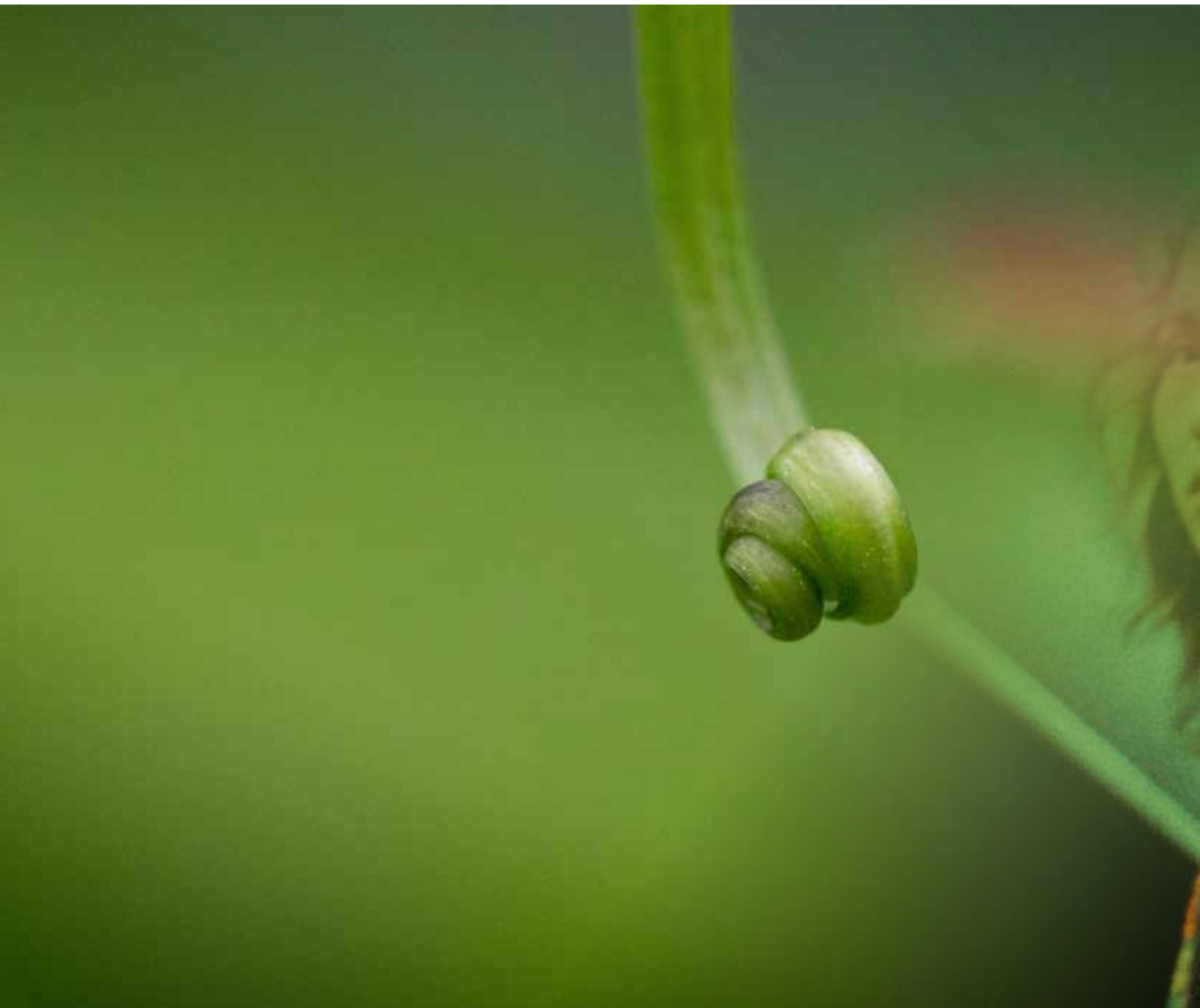




By SBarros, "We can be happy" (2026). based on Vitaly Mazur, on Unsplash

**A fraternidade brota
do sentimento
genuíno de amor que
desenvolvemos uns
pelos outros**





**O exercício da
caridade nos salva
e abre espaço para
a igualdade que nos
fará livres**



Fazer o bem encontra inúmeros obstáculos de realização pois mobiliza o egoísmo alheio, incomoda os que estão inerciais, os que dormitam na ignorância, de modo que iremos lidar com muitas forças contrárias que irão requerer de todos nós firmeza de propósito para não desistir da fraternidade. Jamais deixar que o desânimo tome conta e nos tornarmos defensivos. É justamente nos ambientes resistentes ao bem, que a fraternidade precisa se manifestar e realizar sua obra. Se só fôssemos fraternos onde já existe a fraternidade, como a desenvolveríamos em nossos corações se não há meios de exercitá-la?

E nesta mesma resposta à questão 917, Fénelon também esclarece que o egoísmo se enfraquecerá na medida em que cada um de nós tiver mais clareza e compreensão quanto ao futuro real que é de ordem espiritual e não, material. Saber-se espírito imortal e viver como tal é ainda um grande desafio para todos nós, porque requer desapego da vida material em todos os âmbitos. No entanto, somente este entendimento, que vem da experiência, é que proporciona a mudança de hábitos e consequente transformação social.

Sendo assim, se a felicidade ainda não é deste mundo, pelo menos o caminho da felicidade está: busquemos desenvolver o sentimento de fraternidade, que possibilita o exercício da caridade que nos salva e abre espaço para a igualdade que nos fará livres.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2002. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2002. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2002. *Obras Póstumas*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: FEB.





**Saber-se espírito
imortal e viver como
tal é ainda um grande
desafio para todos
nós, porque requer
desapego**





Revisitando

O Magnetismo Animal e o Sonambulismo na *Revista Espírita* de 1858:

Prudência Intelectual, Autoridade dos
Factos e Progresso das Ideias em
Allan Kardec

RICARDO TOMÁSIO*



Revista Espírita



***Ricardo Faria Tomásio** Colaborador da AECV
– Associação Espírita Consolação e Vida de
Águeda, Portugal.



**A compreensão
das leis espirituais
não surge em
rutura com a
ciência**

Resumo

O presente artigo analisa dois textos publicados na *Revista Espírita* de outubro de 1858 - "Emprego Oficial do Magnetismo Animal" e "O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja" - evidenciando o modo como Allan Kardec interpreta o reconhecimento progressivo de fenómenos magnéticos por instituições tradicionalmente céticas, como a medicina e a Igreja. A partir desses casos, Kardec desenvolve uma reflexão metodológica e moral centrada na prudência intelectual, na autoridade dos factos e na força do pensamento e da vontade. O estudo mostra ainda como o magnetismo e o sonambulismo surgem, no discurso kardequiano, como elementos preparatórios para a compreensão das leis espíritas, revelando um processo gradual de integração entre ciência, espiritualidade e progresso moral.

Palavras-chave: Magnetismo animal; Sonambulismo; Espiritismo; Allan Kardec; Progresso das ideias.

REVUE SPIRITE

JOURNAL

D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

CONTENANT

Le récit des manifestations intérieures ou intelligentes des esprits, superstitions, croyances, etc., ainsi que toutes les nouvelles relatives au Spiritisme. — L'enseignement, l'éducation, les faits choisis du monde visible et du monde invisible, en les reliant, la nature des choses, l'âme, la nature de l'homme et son avenir. — L'histoire du Spiritisme, ses rapports avec le magnétisme et le somnambulisme; l'explication des phénomènes merveilleux populaires, de la mythologie de tous les peuples, etc.

PUBLIÉ PAR LA SOCIÉTÉ

DIRECTEUR

M. ALLAN KARDEC

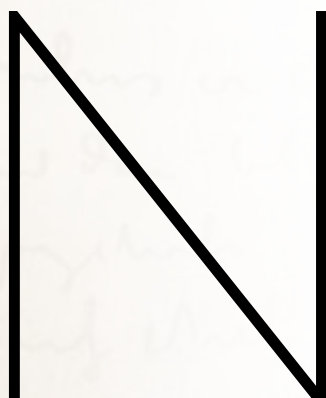
III.

**O pensamento
atua como
instrumento
do Espírito**

1858

PARIS

BUREAU RUE DES MARTYRS, 8.



a segunda metade do século XIX, o magnetismo animal ocupava uma posição ambígua no panorama intelectual europeu. Oscilando entre a curiosidade científica, a prática terapêutica marginal e a acusação de charlatanismo, o magnetismo tornou-se um terreno privilegiado para observar a forma como as ideias novas são inicialmente rejeitadas e, mais tarde, parcialmente assimiladas. Allan Kardec, atento a este movimento, utiliza a *Revista Espírita* como espaço de análise crítica não apenas dos fenômenos, mas sobretudo das atitudes humanas perante aquilo que desafia os quadros estabelecidos do saber.

No artigo “Emprego Oficial do Magnetismo Animal”, publicado em outubro de 1858, Kardec parte de um facto concreto e amplamente divulgado: o recurso oficial ao magnetismo no tratamento do rei Óscar da Suécia, após o insucesso das terapêuticas convencionais. Mais do que discutir a eficácia do tratamento, Kardec interessa-se pelo significado simbólico desse reconhecimento. Ao recordar que, poucas décadas antes, o magnetismo era alvo de sarcasmo sistemático por parte das academias e da imprensa, o autor sublinha a instabilidade das opiniões humanas quando confrontadas com a persistência dos factos. Daí a sua advertência incisiva: “que lição para os que sorriem das ideias novas”, mostrando “quão imprudente é se inscreverem em falso contra as coisas que não compreendem” (Kardec 1858/2016, 409).

Esta observação ultrapassa o episódio sueco e adquire um alcance metodológico mais amplo. Kardec estabelece explicitamente um paralelismo entre a rejeição histórica do magnetismo e a oposição contemporânea ao Espiritismo, ambos combatidos com base na autoridade de “homens eminentes” e na recusa de admitir agentes invisíveis cuja ação escapa à análise material. A crítica dirige-se, assim, a um ceticismo de princípio que confunde ausência de explicação com inexistência do fenómeno, preferindo negar a investigar.

Neste contexto, surge uma das interrogações mais significativas do texto: "Que ação poderia ter um agente oculto, movido pelo pensamento e pela vontade, cuja análise química não pode ser feita?" (Kardec 1858/2016, 409). A pergunta revela o núcleo da filosofia kardequiana: reconhecer que a realidade não se esgota no que é mensurável pelos instrumentos da ciência material. Kardec observa que muitos fenômenos anteriormente atribuídos à imaginação encontram no magnetismo a sua "razão de ser", denunciando a facilidade com que a imaginação é invocada como explicação cômoda quando faltam categorias teóricas adequadas.

É precisamente neste ponto que o magnetismo se torna, para Kardec, um elemento preparatório do Espiritismo. Ao demonstrar a ação da vontade e do pensamento sobre os fluidos vitais, o magnetismo introduz a ideia de causalidade invisível, mas real. Tal concepção encontra correspondência direta na obra doutrinária, quando se afirma que a vontade é uma das mais poderosas forças de que dispõe o homem e que o pensamento atua como instrumento do Espírito. Assim, o magnetismo não se apresenta como ciência concorrente, mas como campo experimental que facilita a compreensão das leis espirituais.

Esta ligação é formulada de modo explícito no próprio artigo: "O Espiritismo liga-se ao magnetismo por laços íntimos, considerando-se que essas duas ciências são solidárias entre si" (Kardec 1858/2016, 410). Kardec recusa qualquer oposição artificial entre ambos e lamenta, in-

clusive, que alguns magnetizadores, outrora vítimas de preconceito, reproduzam o mesmo mecanismo de exclusão contra os espíritas. Tal atitude é denunciada como incoerência moral e sinal de que o progresso intelectual, quando não acompanhado de progresso ético, tende a degenerar em disputas de autoridade.

A mesma lógica de cedência progressiva à evidência surge no segundo artigo analisado, "O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja". Aqui, Kardec apresenta um facto igualmente significativo: a inclusão do magnetismo e do sonambulismo num manual de catecismo redigido por um vigário-geral. A importância do episódio não reside apenas no conteúdo, mas sobretudo no público a que se destina. Não se trata de uma obra erudita para especialistas, mas de um instrumento de instrução religiosa das massas, o que confere ao reconhecimento um alcance social particularmente relevante.

O catecismo define o magnetismo como uma influência exercida pela vontade ou pela sensibilidade física e descreve fenômenos como o sonambulismo, a percepção sem o concurso dos sentidos e uma forma de inteligência ampliada durante a crise. Embora o autor introduza reservas morais e manifeste dúvidas quanto à permissibilidade da prática, Kardec sublinha a contradição entre essas cautelas finais e o reconhecimento explícito dos factos descritos. Ainda assim, valoriza o peso da autoridade religiosa envolvida, considerando o episódio uma nova derrota dos preconceitos e uma advertência dirigida aos que julgam com precipitação.



**A vontade é
uma das mais
poderosas forças
de que dispõe o
homem**





O magnetismo introduz a ideia de causalidade invisível, mas real

A descrição do sonambulismo apresentada no catecismo aproxima-se, de forma notável, do conceito kardequiano de emancipação da alma. O indivíduo que vê, ouve e conhece à distância, privado do uso normal dos sentidos, corresponde exatamente aos fenómenos que a Doutrina Espírita interpreta como manifestações temporárias da independência relativa do Espírito em relação ao corpo. Mesmo sem recorrer à terminologia espírita, o texto eclesiástico acaba por reconhecer, no plano factual, aquilo que o Espiritismo viria explicar de modo sistemático.

Considerados em conjunto, os dois artigos revelam uma estratégia argumentativa coerente. No primeiro, Kardec mostra a medicina a rever posições diante da persistência dos factos; no segundo, apresenta a Igreja a admitir fenómenos psíquicos anteriormente associados à superstição. Em ambos os casos, o motor da mudança é o mesmo: a autoridade dos factos impondo-se gradual-

mente às resistências dogmáticas. A diferença reside apenas no campo institucional, o que reforça a tese de que o progresso das ideias não é exclusivo de uma esfera, mas resulta de uma convergência lenta entre ciência, religião e filosofia.

Deste modo, os textos de outubro de 1858 não constituem meras crónicas circunstanciais, mas elementos centrais da pedagogia kardequiana. Ao denunciar a imprudência da negação apressada, ao valorizar a força do pensamento e da vontade e ao mostrar o magnetismo e o sonambulismo como etapas preparatórias, Kardec afirma uma visão dinâmica do conhecimento humano. Nessa visão, a compreensão das leis espirituais não surge em rutura com a ciência ou com a religião, mas como prolongamento natural do seu próprio movimento evolutivo, orientado não apenas para o esclarecimento intelectual, mas também para o progresso moral da Humanidade.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2016. "Emprego Oficial do Magnetismo Animal". Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos. Amadora: FEP. [Ano I, N. 10 (out. 1858): 408-410]

KARDEC, Allan. 2016. "O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja". Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos. Amadora: FEP. [Ano I, N. 10 (out. 1858): 410-412].

A Geração **Nova** **Espiritismo** com **Crianças e Jovens**

SANDRA SEQUEIRA*

Educar
com
(Cons)
ciência



***Sandra Sequeira** Espírita desde a adolescência, palestrante, orientadora de estudos espíritas com jovens e adultos. Membro fundador da associação No Invisível - Estudos e Divulgação Espírita e colaboradora da Federação Espírita Portuguesa e da Área de Comunicação Social Espírita do CEI. Profissionalmente trabalha na área da educação e da reinserção social.



**O cérebro das
crianças / jovens,
estando em
construção, nem
sempre está apto a
responder ao que
solicitamos**

CEI

Conselho Espírita Internacional

by S. Barros (2020). Revue Spirite N°3



**O carinho
corretivo e
orientador leva a
alma a aceitar**

Resumo

A educação dos filhos é frequentemente encarada como um processo unilateral, em que os pais ensinam e as crianças aprendem. Contudo, este texto propõe uma visão mais ampla e recíproca, integrando contributos da neurociência e do espiritismo. O desenvolvimento cerebral ainda imaturo das crianças e adolescentes explica muitos comportamentos reativos, que não devem ser interpretados como desobediência intencional. Compreender o funcionamento do cérebro permite aos adultos ajustar expectativas, escolher estratégias educativas mais empáticas e criar condições para a cooperação. Paralelamente, a perspetiva espiritual recorda que cada ser é único e que educar é também um exercício de autodomínio, amor e crescimento interior. Assim, educar deixa de ser apenas corrigir comportamentos e passa a ser um caminho de evolução conjunta, onde pais e filhos aprendem, amadurecem e se transformam mutuamente.

Palavras-chave Educação espírita, parentalidade, Neurociência, Desenvolvimento infantil, Autoeducação.

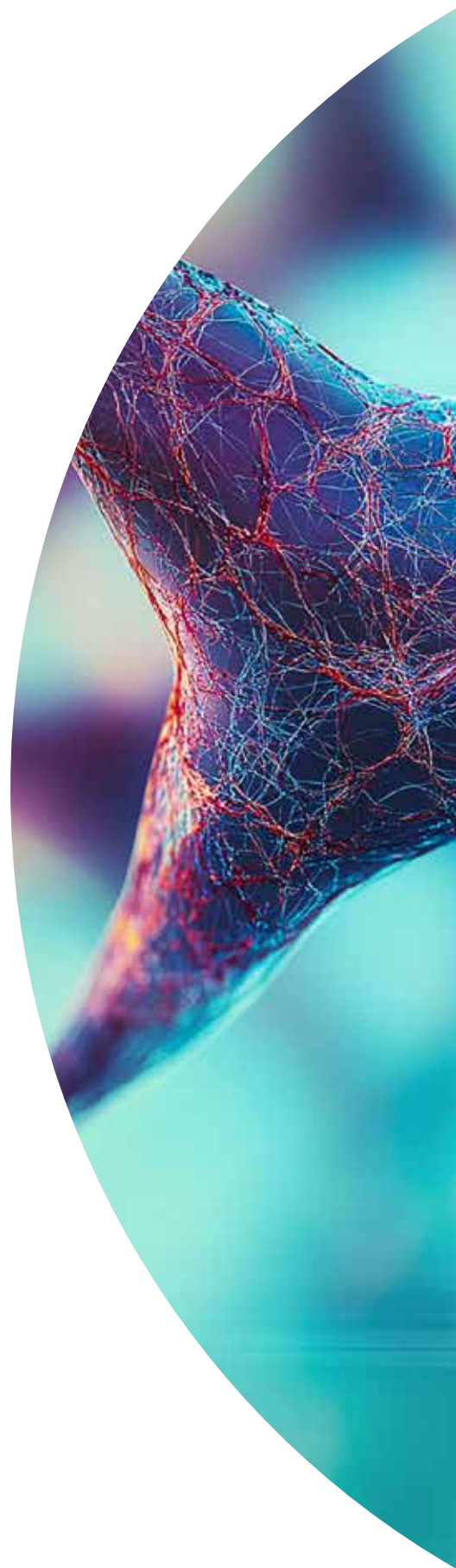
E

pela educação que os pais auxiliam os filhos a serem melhores, a desenvolverem virtudes e, com isso, a evoluírem espiritualmente!

Mas será apenas unilateral? Talvez o processo educativo seja recíproco... Ou pelo menos talvez seja essa a proposta!

Todos desejamos uma espécie de filho / educando perfeito... aquela criança que concorda sempre connosco, que tem sempre as respostas certas e se comporta de forma exemplar... Porém, essa não é a realidade! Nem podemos esperar que seja... cada alma é um ser individual, com sensibilidade diversa, com vivências diferentes das nossas e, por isso, um ser único. diferente do que quer que julguemos ser o ideal...

Mas para além do que nos ensina a Doutrina Espírita, que cada ser humano é único, com a sua própria individualidade e identidade, há ainda a considerar a questão da organização física. O cérebro das crianças / jovens, estando em construção, nem sempre está apto a responder ao que solicitamos.



“

**O caminho
para educar é
também o da
autoeducação e
do autodomínio!**





Cada ser humano é único

A neurociência abriu um campo que nos ajuda a compreender o que se passa, mostrando-nos que, afinal, também é no cérebro que estão muitas das respostas para os comportamentos, reações e atitudes das nossas crianças e jovens. É assim que explica, tanto as birras da primeira infância, como os silêncios da adolescência! E isto não significa que a biologia domine o espírito, mas antes que o nosso corpo disponibiliza o que precisamos de acordo com o estágio evolutivo/idade!

“O que se passa com o meu filho? Nunca me ouve: porque não me obedece!?”, “É preciso dizer mil vezes a mesma coisa!” - Quem tem filhos reconhece bem estas expressões! Mas porque serão todos (ou quase todos) assim? Será que são todos rebeldes?

Diz-nos Cristina Valente, psicóloga e autora do livro *O que se passa na cabeça do meu filho* que, quando conseguimos compreender que existe uma base fisiológica para alguns comportamentos – que são expectáveis em determinada altura da vida e que fazem parte do desenvolvimento do ser humano na fase infantil – percebemos que o seu comportamento nada tem contra os adultos. Pelo contrário, nós, os adultos é que estamos a utilizar a estratégia errada. Perceber o funcionamento do cérebro – que se rege por determinadas leis – ajuda a prever a forma como a criança reage em determinada situação e como se comporta perante certos estímulos, permitindo antecipar e descodificar os seus comportamentos e motivá-la a ser colaborativa.

Daniel J. Siegel e Tina Payne Bryson na obra *Disciplina sem Dramas*, comparam o cérebro de uma criança a uma casa em construção. Existe “a parte inferior do cérebro, constituída pelo tronco cerebral e pela região límbica” – frequentemente designadas como “cérebro reptiliano” ou “primitivo” – e responsável pelas “operações neurais fundamentais: as emoções mais fortes, instintos como a proteção; e as funções básicas como respirar, regular os ciclos de sono e vigília e a digestão”. Este “andar inferior” é a parte responsável pela reação da criança quando, não conseguindo o que deseja, atira um brinquedo ou morde alguém! É “a fonte da nossa reatividade” e esta é uma parte do cérebro que está bem desenvolvida por altura do nascimento. É a parte mais antiga do cérebro humano, pouco modificada pela evolução. Não admira, por isso, que os bebés respondam de forma tão instintiva perante os estímulos. Na verdade, essa é a única resposta possível que existe na sua cabecinha.¹

Já “a parte superior do cérebro (que só vai estar maturada por volta dos 25 anos!), que será a responsável por processos mais sofisticados e complexos, encontra-se subdesenvolvida na altura do nascimento e só começa a desenvolver-se durante a infância”. E é nesta parte que estão “as competências de pensamento, emocionais e relacionais, que permitem ao ser humano tomar decisões acertadas e de planeamento, regular emoções e o corpo, a introspeção, a flexibilidade e a adaptabilidade, a empatia e a moral”. E se esta zona está em desenvolvimento, não adianta esperar uma resposta ou um comportamento típico de um adulto, quando o cérebro da criança/jovem ainda não o permite!²



1. Ver Gomes, “Crianças Felizes”.

2. “O que acontece quando o seu filho tem uma birra do “andar de baixo” é porque o cérebro primitivo entra em “ebulição” e, porque o “andar de cima” ainda não está crescido, a gestão de todas as emoções que estão ali ao rubro não é coisa simples nem fácil para ele. Se é verdade que queremos que ele saiba gerir as emoções, fazer as melhores escolhas e acalmar-se sozinho, também é verdade que isso não vai acontecer com frequência num cérebro de 4 anos (nem a nós, que já temos o cérebro todo formadinho!). É bom termos isso em conta.” (Gomes 2015, 73)



**Confrontar com amor
as suas emoções... é
um exercício duplo
de educação e
evolução!**

"Se perante uma birra monstruosa no supermercado se inclina sobre a criança, de dedo em riste e lhe diz, entre dentes cerrados, 'Acalma-te imediatamente', está 'a espicaçar o lagarto', e a desencadear uma reação na parte inferior do cérebro." Isto porque a criança assimila na linguagem corporal, desde o tom de voz às expressões faciais, e nas palavras da mãe, uma ameaça que aciona, em termos biológicos, "o circuito neural que lhe permite sobreviver a uma ameaça". Ou seja: entra em modo de luta ou de fuga.

O psiquiatra e a psicoterapeuta explicam que não é possível à criança estar em modo reativo e recetivo, e que, se os educadores querem apelar à parte do cérebro superior, talvez esta não seja a melhor atitude. Mais ainda, "os castigos e os sermões são ineficazes, quando a criança está perturbada e incapaz de ouvir os ensinamentos que lhes estiver a transmitir".

Afinal ela está em modo de reação!

Mas como fazer? O fundamental

neste momento será parar o modo de reação, e ajudar a desenvolver o modo recetivo. Um exercício nem sempre fácil, pois com frequência os pais entram igualmente em modo de reação!

A estratégia possível perante a birra seria a de descer ao nível dos olhos das crianças, e perguntar de forma tranquila: "Porque é que estás assim?"

Mas, atenção, dizem os autores, esta atitude não apela à permissividade. "É tentar que a criança consiga ficar de novo recetiva a ouvi-lo. E, nesse processo, fazer com que ela se sinta compreendida nas suas emoções" e criar a oportunidade para perceber o porquê do seu comportamento: "Eu sei que é difícil esperar. Queres muito que vá brincar contigo e estás zangado porque estamos parados na fila, não é verdade?" "Sim." - é um dos exemplos possíveis.³

É importante focarmo-nos na parte mais sofisticada do cérebro da criança e ajudar a refrear a parte inferior.

Ao mostrarmos respeito e empatia por ela, fazemos ativar os circuitos da parte superior do cérebro, nomeadamente o córtex pré-frontal, de extrema importância e responsável pela tomada de decisões tranquilas e pelo controlo das emoções e dos impulsos, e é desse modo que passamos da reatividade à recetividade – este processo de integração funcional entre a “parte de cima e a parte de baixo” da tal casa em construção demora o seu tempo -, uma competência que queremos ensinar aos nossos filhos. Em vez de impor furiosamente que uma criança se acalme, podemos ajudá-la a sossegar e a tranquilizar a parte inferior do cérebro, e colocar ativa a parte superior, convidando-a a ficar fisicamente perto de nós e a contar o que é que a está a perturbar!

Em entrevista à revista *Pais & Filhos*, Daniel Siegel defende que quando uma criança é tratada com respeito e a disciplina é encarada como uma “ferramenta construtiva e afetuosa”, (onde não há lugar para castigos e palmadas), a probabilidade de ela se tornar cooperante é muito maior. Porque não vai estar a reagir com base no medo, mas sim como “resultado da aquisição de competências que vão permitir-lhe inibir impulsos, gerir sentimentos agressivos e ter em consideração o impacto do seu comportamento nos outros.”⁴

3. A birra não deve ser encarada como um problema de comportamento.

É uma descarga emocional, sublinha Cristina Valente no seu livro *O que se passa na cabeça do meu filho*. As birras acontecem porque o cérebro ainda está a adquirir competências. E embora possam ser desesperantes para os pais, há que encará-las com outros olhos. É preciso acima de tudo, respeitar e “ficar a o seu lado” para que não se sintam abandonadas. E garantir que as necessidades básicas, como o sono e o descanso, são respeitadas. Segundo Cristina valente se fizermos isto, conseguimos diminuir as birras, mas nunca as poderemos eliminar, porque fazem parte do desenvolvimento humano. Uma criança sem birras é uma criança com problemas de saúde. Cf: *Pais & Filhos*, abril 2026, 18.

4. Cf. *Pais & Filhos*, abril 2016, 20.





**A única, ou a melhor
forma, de educarmos
é a mudança na forma
como comunicamos**

Mas isto não acontece apenas nas crianças! A adolescência parece ser um desafio maior. Afinal, sendo mais crescidos, esperamos que sejam mais cooperantes! A culpa parece não ser apenas das hormonas, é sobretudo da química do cérebro, pois por esta altura vai existir uma redução de neurónios, resultado de uma seleção natural - os que não necessitamos deitamos fora. Na verdade, é como se o cérebro estivesse "offline".

O cérebro humano está em construção até o final da adolescência, de acordo com vários especialistas. Segundo o pediatra americano Jay Giedd, diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental, em Bethesda (EUA), o cérebro humano está em constante crescimento (construção), até o final da adolescência. O pesquisador, no seu estudo, analisou mais de 2.000 pessoas com idades entre os 3 e 25

anos, o que lhe permitiu observar que, no final da infância, o cérebro passa por um aumento 'inconcebível' de neurónios e conexões neurais, que em seguida são reduzidos durante a adolescência. Esta "poda" neural, que culmina com a passagem da adolescência para a idade adulta, ocorre primeiro na parte de trás do cérebro e, finalmente, no córtex frontal, que é o que controla o raciocínio, a tomada de decisão e o controlo emocional. A descoberta desmente a tese de que o cérebro começa a ficar totalmente maduro entre os 8 e os 12 anos e explica porque é que muitos adolescentes não começam a pensar e a se comportar como adultos até uma idade que às vezes ultrapassa os 20 anos, de acordo com o pesquisador⁵.

Agora vejamos o que se passa, sob o ponto de vista espiritual...



A determinada altura das nossas vidas somos convidados à maternidade/paternidade e somos confrontados com crianças que amamos, mas que nos “tiram do sério” em vários momentos do dia! A reação é quase imediata e somos nós, com frequência, os primeiros a reagir: “não podes fazer isso”, “sentate imediatamente”, dizemos aos gritos... Ativamos o nosso primeiro andar cerebral e biologicamente queremos vencer, estamos em modo de “luta”, ainda que raramente tomemos consciência disso! Por outro lado, a criança/adolescente está em modo de reação e fuga e não consegue ativar o andar de cima, quer seja porque a pressionámos com as nossas reações intempestivas, quer seja porque ainda não o tem desenvolvido.

Por outro lado, nós adultos já temos o cérebro desenvolvido e temos todas as aptidões necessárias para ativar o modo recetivo e mudar de postura...

Na verdade, a proposta é a de respirarmos fundo, acalmarmos as emoções e aproximando-nos da criança/jovem, confrontar com amor as suas emoções... é um exercício duplo de educação e evolução!

5. Cf. <http://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.pt/2012/10/plasticidade-cerebral-e-podas-neuronais.html> [consultado em abril de 2016].

Mas é de realçar que, o facto de o cérebro estar em mudança não é motivo para ignorar os maus comportamentos. Na verdade, é mais uma razão para que os pais imponham limites e que seja explicado o que é permissível e o que não é! Contudo, a explicação tem de ser dada no momento certo, ou seja, quando acalmada a tempestade e uns estão em condição de falar e os outros de ouvir... Esse é o momento de passar a mensagem moral, de explicar o que é correto e incorreto; de mudar o campo mental! Explicar-lhe que em vez de ser violento, gritar, bater com a porta, há alternativas, como expressar porque é que está zangado...

Verificamos assim o amor divino nas estruturas da vida, colocando à nossa disposição mil recursos para nos melhorarmos! Afinal, o caminho para educar é também o da autoeducação e do autodomínio!

A única, ou a melhor forma, de educarmos é a mudança na forma como comunicamos com os nossos filhos, reduzindo a utilização dos impulsos básicos e recorrendo com frequência à zona mais elevada do nosso cérebro. Desse modo, reduzimos o medo nos nossos filhos e aumentamos a sua responsabilidade. Ao darmos oportunidade para que possam fazer as suas próprias escolhas, à medida das suas competências e da sua idade, estamos a dizer-lhes que são importantes. E quando a criança sente que é importante,

acaba por colaborar com a vontade do adulto. Não porque o adulto esteja a impor obediência, mas porque simplesmente lhe deu algum poder, respeito e valor. Se queremos crianças mais cooperantes e menos "desobedientes e birrentas", temos então de mudar de estratégia e procurar uma que melhor se adequa à sua capacidade de assimilação, compreensão e resposta. Este pode ser o primeiro grande passo de mudança.⁶

Claro que isso não significa concordar com tudo o que a criança diz ou faz, nem aceitar os comentários desapropriados e conflituosos. É apenas uma questão de bom senso.

Ouvir e respeitar a opinião das crianças não é o mesmo que fazer-lhes todas as vontades. Longe disso. É dar-lhes espaço para fazer escolhas, dentro de limites bem definidos. O importante é sabermos dividir aquilo que são regras e valores verdadeiramente essenciais e inegociáveis (que os mantenham seguros, saudáveis e conscientes do nosso amor) daquilo que acabam por ser guerras desnecessárias, como por exemplo, o que querem vestir ou até, nalgumas circunstâncias, comer.⁷

Por vezes o mais importante nem é tanto o que se diz, mas como se diz! E quantas vezes perante um conflito ou um confronto é o adulto o primeiro a reagir de forma "descompensada"?

6. Cf: "Pais & Filhos",
abril 2026, 22

7. Idem..

“

**Punir por punir
apenas leva à
mentira e à revolta,
ativando zonas do
cérebro primitivas**



**A vara, o ponteiro,
a palmatória, as
descomposturas
e os gritos pertencem
à domesticação
e não à educação**



Diz-nos Herculano Pires na obra *Pedagogia Espírita*: "Educar é amar, porque a mecânica da educação é a ajuda, o amparo, o estímulo. A vara, o ponteiro, a palmatória, as descomposturas e os gritos pertencem à domesticação e não à educação. A violência contra a criança é um estímulo negativo que desperta suas reações inferiores, acorda a fera do passado na criaturinha vestida de inocência que Deus nos enviou. Só o amor educa, só a ternura faz as almas crescerem no bem."⁸

Assim, mesmo perante um conflito que nos pareça grave, a nossa reação deverá ser sempre carinhosa, de compreensão. Não uma compreensão conivente, mas sim uma compreensão que não julga, orienta, que recorre às zonas superiores do cérebro, ajudando a criança/ jovem a ser melhor ser humano! Por exemplo: a criança ou o jovem foi violento com outro jovem e a reação de um bom educador será a de não concordar e reagir. Contudo, essa reação terá de ser bem avaliada: O que se passou? Como te sentes? O que te levou a reagir dessa forma? Que alternativas? O objetivo não é castigar cegamente, mas modificar as emoções, anular os conflitos. Para isso é necessário destrinçar o acon-

tecimento. Punir por punir apenas leva à mentira e à revolta, ativando zonas do cérebro primitivas. Já o carinho corretivo e orientador leva a alma a aceitar ou, pelo menos, a ouvir o educador! A intenção será despertar a alma para a compreensão das realidades que já estão gravadas na sua consciência e na memória profunda que guarda todas as vivências do passado, conforme nos disseram os Espíritos na Codificação. Afinal, ninguém gosta de desordem e todo e qualquer conflito é fruto de uma desordem emocional!

Educar é muito mais do que ensinar aos nossos filhos o melhor caminho... é uma fórmula perfeita de evoluirmos em conjunto, de aprendermos a dominar os impulsos básicos e reativos e a desenvolver a zona da compreensão, da empatia e da moral!

Ao fazermos isto, treinamos igualmente os nossos filhos para serem mais justos, mais benevolentes, melhores seres humanos! Treinamo-los, ao mesmo tempo que nos treinamos para analisar o que nos rodeia, o que sentimos e porquê. Desenvolvemos as áreas superiores do cérebro, porque desenvolvemos as áreas superiores do espírito!

8. Pires, "Pedagogia Espírita", 209-10.

Bibliografia

GOMES, Magda. 2015. *Crianças Felizes*. Lisboa: A esfera dos Livros.

- *Pais & Filhos*, abril de 2016, "O que se passa na cabeça do meu filho".

PIRES, J. Herculano. 2004. *Pedagogia Espírita*. São Paulo: Paideia Editora.

SIEGEL, Daniel e Tina Payne Bryson. 2015. *Disciplina sem Dramas*. Lisboa: Lua de Papel.

VALENTE, Cristina. 2026. O Que Se Passa na Cabeça do Meu Filho?

<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/e-se-um-filho-lhe-bater-ou-disparar-um-dardo-para-o-olho-da-irma-1709747> [consultados e abril de 2016].

https://books.google.pt/books?id=aHSgCgAAQBAJ&pg=PT55&lpg=PT55&dq=opera%C3%A7%C3%B5es+neurais+fundamentais:+as+emo%C3%A7%C3%B5es+mais+fortes,+instintos+como+a+prote%C3%A7%C3%A3o;&source=bl&ots=Ftl2hwAvBo&sig=xW7wW_xwAjcxF38PbvW-gdhEzYVE&hl=pt--PT&sa=X&ved=0ahUKEwjL7LGJqoTMAhVBaRQKH-T5KArsQ6AEIHDA#v=onepage&q&f=false [consultado e abril de 2016].

<http://neuropsicopedagogiana-saladeaula.blogspot.pt/2012/10/plasticidade-cerebral-e-podas-neuronais.html> [consultado em abril de 2016].



**Educar
é amar**

Palestras Famíliares de Além-túmulo Hoje

Photo by Ryan o Niel on Unsplash

Psicografia
Médium Alexandre Pereira, no CEERJ
(Conselho Espírita de Unificação do Estado
do Rio de Janeiro) - Rio de Janeiro - Brasil.

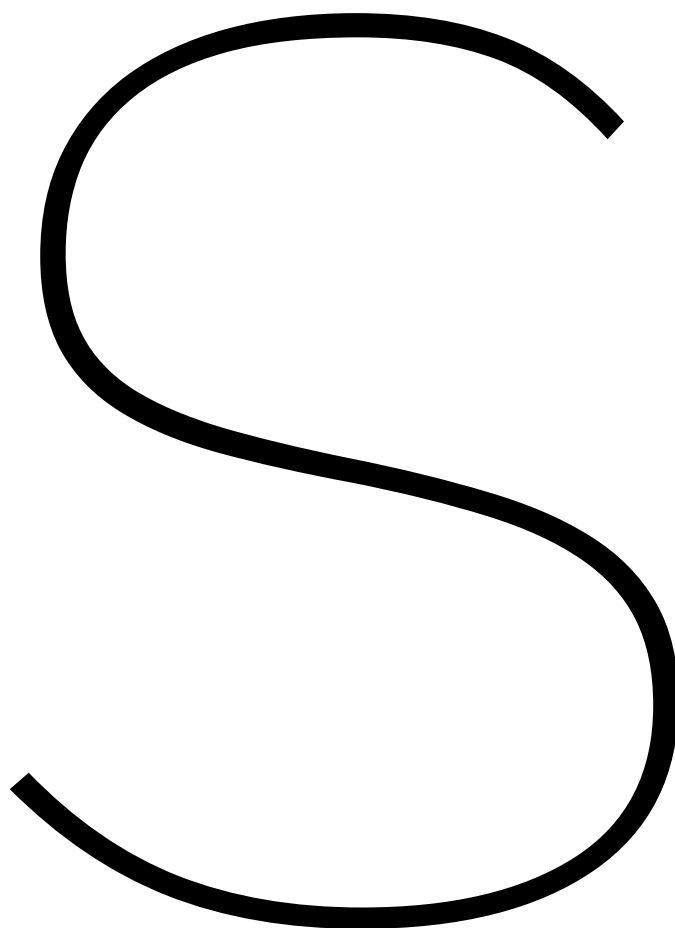


ESPÍRITO **BEZERRA**

Ouçá



**É preciso
ter coração e
pôr mãos
à obra**



onidos de desesperação ecoam no mundo inteiro. Clamores de atendimento a questões variadas, pontuam casos de emergência em cada canto do Globo.

Aos espíritas-cristãos o socorro é pedido. Sem palavras diretas ou escritas específicas, vem como um leque de chamadas por todos os lados.

Afastar-se daquilo que é ferida, não seguindo ao encontro do necessitado, é descumprimento evidente da proposta do Senhor. Antes que se trabalhe para criar, em um pensamento religioso, é preciso ter coração e pôr mãos à obra, obrar para que sejam atendidos aqueles que precisam, que clamam em alta voz.

Precisamos ouvir, agindo e respondendo em nome do Senhor.

Espera Ele que sejamos obreiros da última hora, que possibilitemos, na escuta, que as questões de sofrimento e dor caminhem para uma solução.

Esperar dos céus sem agir é como construir em terreno inseguro, deslizante. A obra não chegará ao término, frente ao mau começo. Para o telhado precisa-se dos alicerces e das paredes, sem os quais tudo é vago.

Chegada a hora, cada qual com a sua tarefa, principie por ouvir o que a humanidade clama e leve a luz do Espiritismo e da Boa Nova a cada coração.

Ouçã!

*Francisco de Menezes Dias da Cruz**

*Francisco de Menezes Dias da Cruz (1853–1937) foi presidente da Federação Espírita Brasileira e destacado pelo impulso do ensino e da prática da Medicina Homeopática no Brasil.

A large, stylized black quotation mark graphic, consisting of two thick, curved strokes, positioned above the main text.

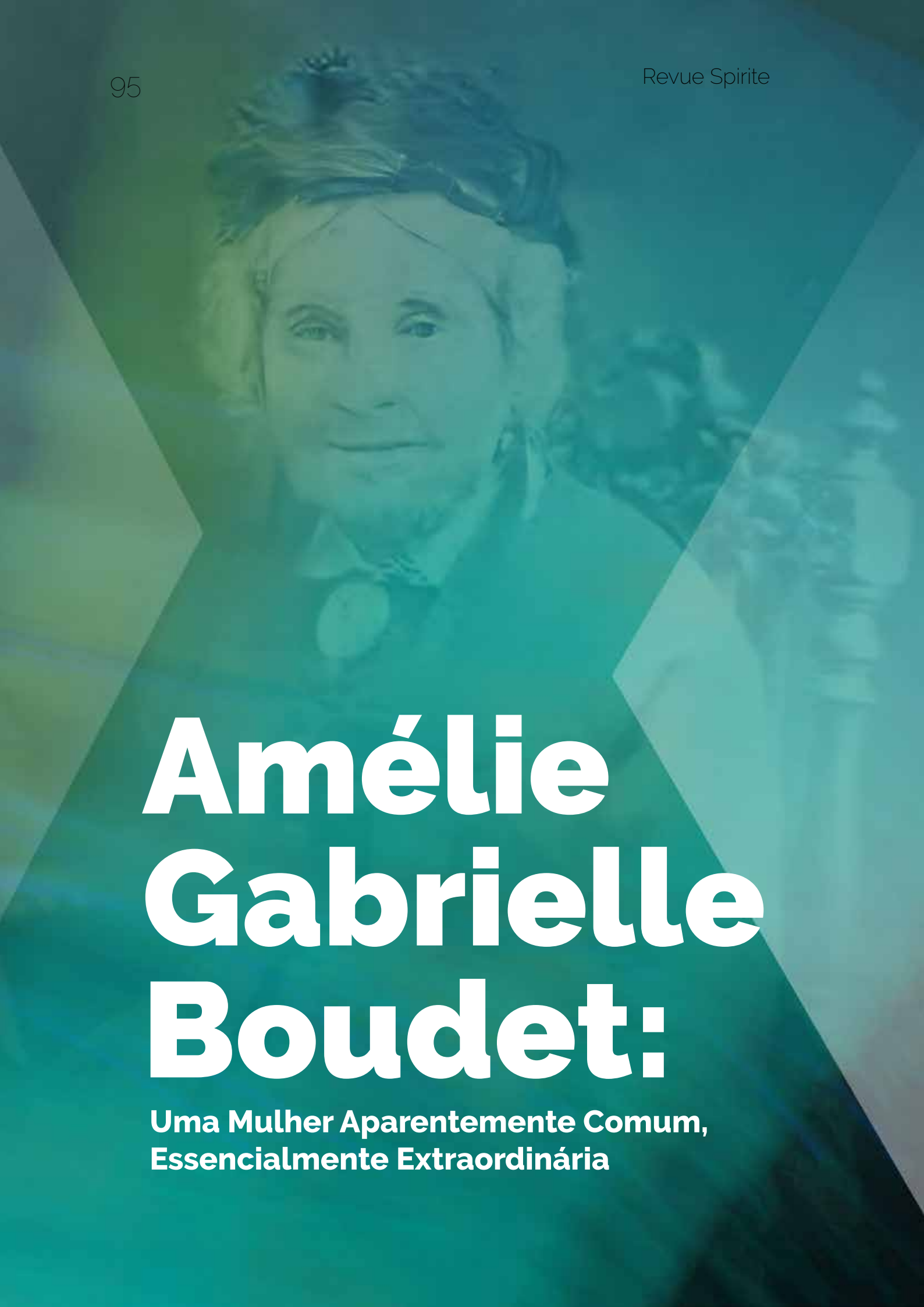
Principie
por ouvir o que a
humanidade clama e
leve a luz
do Espiritismo
e da Boa Nova
a cada coração

CEI

Conselho Espírita Internacional

Plano Histórico

JUSSARA PRETTI KORNGOLD*

A portrait of Amélie Gabrielle Boudet, a woman with light-colored, wavy hair, wearing a dark jacket over a light-colored blouse with a large circular brooch. The portrait is overlaid with a teal and green geometric pattern consisting of large triangles.

Amélie Gabrielle Boudet:

**Uma Mulher Aparentemente Comum,
Essencialmente Extraordinária**



***Jussara Korngold** é Secretária-Geral do Conselho Espírita Internacional, ex-Presidente e atual Vice-Presidente da Federação Espírita dos Estados Unidos, Diretora Executiva da TriState Federation, fundadora do Spiritist Group of New York, palestrante, poliglota, autora e tradutora de mais de 70 obras espíritas. Na área social, atua há 25 anos em favor da infância e família em situação de vulnerabilidade no Brasil, exercendo, a partir de Nova York, funções de direção executiva e financeira em iniciativas de impacto social.



**Uma época em
que o mundo
redescobria
os conceitos
de liberdade,
igualdade e
conhecimento**



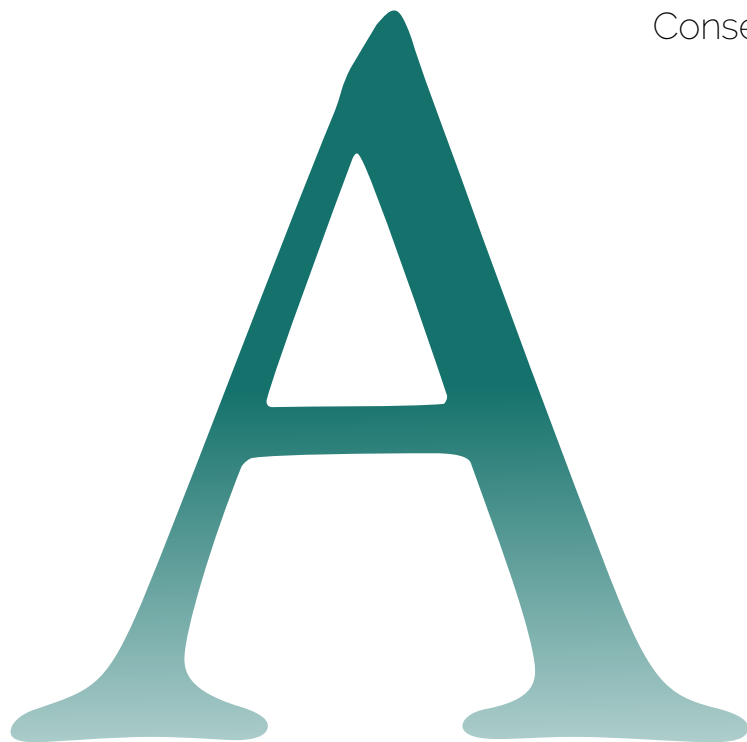


**A beleza e
sabedoria
caminhavam
juntas**

Resumo

Este artigo propõe um resgate histórico e reflexivo da trajetória de Amélie Gabrielle Boudet, figura frequentemente mencionada apenas como esposa de Allan Kardec, mas cuja atuação intelectual, pedagógica e moral revela uma personalidade autônoma e decisiva na consolidação do Espiritismo. Educadora formada, artista, escritora e gestora do legado kardecista após 1869, Amélie exerceu papel fundamental tanto na gênese quanto na preservação do movimento espírita nascente. A partir de fontes biográficas, obras publicadas e registros históricos do século XIX, o texto busca evidenciar a relevância de sua contribuição, destacando sua presença discreta, porém constante, como colaboradora, guardiã e referência ética. Ao iluminar sua vida e obra, pretende-se restituir a Amélie Boudet o lugar que lhe cabe na história do pensamento espiritual moderno.

Palavras-chave: Amélie Gabrielle Boudet; História do Espiritismo; Mulheres intelectuais; Educação no século XIX; Allan Kardec.



mélie nasceu em 23 de novembro de 1795, em Thiais, próximo a Paris. Era filha única de Julien Louis Boudet, tabelião, e Julie-Louise Seigneat de Lacombe, professora¹. Sua formação foi enriquecida com valores de educação, cultura e responsabilidade moral. Desde jovem, demonstrou forte inclinação para as artes e os estudos intelectuais, algo incomum para mulheres de sua época. Estudou pintura, escultura e literatura, tornando-se fluente em várias disciplinas que mais tarde sustentariam sua carreira. Seus anos formativos foram moldados pelos ideais do Iluminismo e pelas repercussões da Revolução Francesa — uma época em que o mundo redescobria os conceitos de liberdade, igualdade e conhecimento.²

Amélie formou-se na École Normale e dedicou sua vida à educação. Tornou-se professora e, depois, professora de literatura e belas-artes. Inspirada pelos princípios pedagógicos de Pestalozzi, fundou, segundo biógrafos, uma das primeiras escolas laicas de formação de professoras na Boulevard Saint-Germain.³ Sua missão era clara: elevar as mentes, especialmente das mulheres, através da liberdade intelectual. Escreveu várias obras: *Essai sur la peinture* (1837) um tratado reflexivo sobre teoria da arte; *L'Art d'aimer et de charmer*, uma reflexão sobre inteligência emocional e relações humanas; e *Contes et poésies* (1849), onde sua voz poética e narrativa se revela. Textos anteriores como *Fabulae Primaveris* e *Notions de Dessin* (1838) demonstram seu compromisso inicial com a educação artística. Acreditava que beleza e sabedoria caminhavam juntas.

1. Wantuil e Thiesen, "Allan Kardec: Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação"

2. Hobsbawm, "A Era das Revoluções: 1789–1848".

3. Wantuil, "Vida e Obra de Allan Kardec".



**O verdadeiro
conhecimento
deve servir à
humanidade**



**Transformou
seu luto
em ação**



Em Paris, nos círculos intelectuais vibrantes, conheceu Hippolyte Léon Denizard Rivail. Sua união em 1832 não foi apenas matrimonial — foi a convergência de ideais, compaixão e respeito mútuo.⁴ Amélie não se tornou a “assistente” de Kardec; ela foi sua igual intelectual, companheira emocional e âncora moral. Enquanto ele realizava o trabalho público, ela mantinha o lar como um santuário de ordem, amor e reflexão. As suas existências eram de parceria espiritual. Compartilhavam a crença de que o verdadeiro conhecimento deve servir à humanidade. Quando Kardec iniciou sua pesquisa sobre os fenômenos mediúnicos e adotou o pseudônimo Allan Kardec, Amélie tornou-se sua colaboradora mais próxima.⁵

Amélie desempenhou papel decisivo na formação do Espiritismo. Ajudava a organizar sessões, documentava comunicações espirituais, editava manuscritos e oferecia reflexões críticas sobre os pontos filosóficos.⁶ Diz-se que nenhuma publicação importante de Kardec saiu sem que sua mão estivesse presente no refinamento final. Ela estava presente quando as primeiras notas de *O Livro dos Espíritos* foram reunidas, e regozijou-se discretamente quando *O Evangelho Segundo o Espiritismo* encontrou leitores pelo mundo.

Amélie, embora não fosse médium, compreendia a importância do equilíbrio, do discernimento e da devoção no trato com o mundo espiritual. Sua presença trazia seriedade e serenidade ao movimento. E quando surgiram desafios — críticas, dúvidas mediúnicas, ataques — Amélie permaneceu firme, calma e fiel. Sua força vinha da constância silenciosa, não da visibilidade.

Allan Kardec faleceu repentinamente em 1869. O mundo perdeu um farol, e Amélie perdeu seu companheiro de quase quatro décadas. Sozinha, enfrentou imensas dificuldades pessoais e financeiras. Mesmo assim, transformou seu luto em ação. Assumiu a tarefa de preservar o legado espírita. Cuidou da publicação póstuma de *A Gênese*, manteve correspondência com grupos de diversos continentes e enfrentou tanto desacordos internos quanto hostilidades externas.⁷ Tornou-se a guardiã — e o escudo — do Movimento.

4. Sausse, “Biographie d’Allan Kardec”.

5. Kardec, “Obras Póstumas”.

6. Delanne, “Le Spiritisme: Doctrine et Faits”.

7. Kardec, “A Gênese”.

Um dos momentos mais tocantes é uma carta de Amélie escrita durante a ausência de Kardec, enquanto ele se ocupava da organização de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Preocupada com sua saúde, escreveu a um amigo pedindo notícias dele.⁸ Não era preocupação vazia, mas amor manifestado em cuidado gentil. Nunca o chamava de «Kardec» em particular. Para ela, ele era “Léon”, seu companheiro.

Amélie viveu seus últimos anos na mesma casa da Boulevard Saint-Germain. Embora seu nome raramente aparecesse nos jornais, manteve contato com líderes espíritas, orientando com bondade e firmeza. Sua fé permaneceu intacta; sua missão, cumprida. Faleceu em 21 de janeiro de 1883 e foi sepultada ao lado de Allan Kardec no cemitério Père Lachaise.⁹ Esse túmulo, coroado com a inscrição: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei,” tornou-se monumento a ambos.

Em 2004, foi fundado em Paris o Institut Amélie Boudet para homenagear sua memória.¹⁰ Mas o verdadeiro tributo está em cada livro espírita lido, em cada centro aberto, em cada alma despertada pela doutrina que ela protegeu. A vida de Amélie nos ensina que a influência não exige aplausos. Que a verdadeira grandeza pode sentar-se em silêncio ao lado do que é visível. Que ser fiel também é ser poderosa.¹¹

Amélie Gabrielle Boudet foi uma alma extraordinária envolta na simplicidade da vida comum. Representou a beleza, a verdade, a educação e o Espírito. Deu sua voz à obra de Kardec, suas mãos à sua publicação e seu coração à missão. Lembremo-nos dela não como nota de rodapé na história de outro, mas como coautora de um dos mais belos capítulos da história espírita.¹²

8. Wantuil, “Grandes Espíritas do Século XIX”.

9. Registros do Cemitério Père Lachaise, Paris.

10. Institut Amélie Boudet, “Registros institucionais e comunicações culturais”. Informação citada em publicações espíritas europeias e registros associativos franceses.

11. Wantuil e Thiesen, “Allan Kardec: Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação”.

12. Delanne, “Le Spiritisme: Doctrine et Faits. Paris: Chamuel”; Sausse, “Biographie d’Allan Kardec”. Avaliação histórica da contribuição de Amélie Boudet como colaboradora essencial e guardiã do legado kardecista.



**A verdadeira
grandeza pode
sentar-se em
silêncio ao lado
do que é visível**

Referências

BOUDET, Amélie G. 1837. *Essai sur la peinture*. Paris.

BOUDET, Amélie G. 1838. *Notions de dessin*. Paris.

BOUDET, Amélie G. 1849. *Contes et poésies*. Paris.

DELANNE, Gabriel. 1900. *Le Spiritisme: Doctrine et Faits*. Paris: Chamuel.

HOBBSAWM, Eric. [s.d.] *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KARDEC, Allan. 1869. *A Gênese*. Edição póstuma, Paris.

KARDEC, Allan. 1890. *Obras Póstumas*. Paris: Librairie Spirite.

KARDEC, Allan. *Revue Spirite*. Paris, 1858–1869.

SAUSSE, Henri. 1909. *Biographie d'Allan Kardec*. Paris.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. 1979. *Allan Kardec: Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação*. Rio de Janeiro: FEB.

WANTUIL, Zeus. 1982. *Vida e Obra de Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB.

- Institut Amélie Boudet. Registros institucionais e comunicações culturais. Paris, 2004.



**Deu sua voz
à obra de
Kardec**



Espiritismo e Sociedade

Jean Anette Duncan

(Janet Duncan)

06 de agosto de 1928 - 07 de janeiro de 2026

Homenagem



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

Andrea Amorim | Cidade do Panamá – PANAMÁ

*Trabalhadora espírita há mais de 30 anos, dedicada à divulgação do Espiritismo fora do Brasil, atuando na evangelização infanto-juvenil, coordenação de estudos e palestras. Atualmente reside no Panamá.

Conheci Janet Duncan logo nos primeiros meses da minha chegada a Londres, em 1995, quando meu marido e eu ainda estávamos nos adaptando a uma nova vida em um país distante das nossas origens e da nossa cultura. Já éramos espíritas e, ainda no Brasil, iniciamos nossa busca por Centros Espíritas em Londres. Naquela época não havia internet; foi então que, por uma dessas circunstâncias da vida, chegamos ao contato de Denise Ferret, sobrinha da professora de Inglês do meu marido. Ela nos acolheu com carinho e imediatamente nos convidou para um encontro de estudos entre dirigentes e trabalhadores de Centros Espíritas em Londres, que acontecia com frequência mensal.

Esse encontro, ao qual fomos com apenas um ou dois meses de chegada, delineou nossos primeiros passos dentro do Espiritismo na Inglaterra. Ali conhecemos pessoas que se tornariam muito importantes em nossa caminhada, como Jussara e João Korngold, amigos que levamos no coração até hoje. Foi Jussara quem nos convidou a conhecer o trabalho do *Allan Kardec Study Group UK*, dirigido por Janet Duncan. E assim iniciou-se uma amizade que marcaria profundamente a minha vida.

Eu tinha apenas 24 anos, e Janet já contava com 67, mas a diferença de idade nunca foi uma barreira. Pelo contrário, desde o início senti que havia entre nós uma afinidade profunda. Em pouco tempo, apesar da convivência ainda breve, tornamo-nos grandes amigas — um verdadeiro reencontro de almas, selado pelo trabalho, pelo ideal espírita e por um profundo respeito mútuo.

Foi ao lado de Janet que comecei a compreender a importância do Movimento Espírita e a sua dimensão para além das fronteiras do Brasil. Até então, eu não conhecia o Conselho Espírita Internacional (CEI), e

foi trabalhando diretamente com ela que passei a entender a importância da união entre Centros e Federativas, dos esforços coletivos e da responsabilidade que o Espiritismo tem no mundo. Janet não apenas participou do nascimento do CEI, como foi uma de suas fundadoras, representando o Reino Unido — a única mulher entre oito homens.

O que mais marcou a minha convivência com Janet foi a sua dedicação incansável ao Espiritismo. Levar Kardec ao maior número possível de pessoas nativas sempre foi uma preocupação constante em sua vida. Promover eventos nos quais os britânicos se sentissem acolhidos, divulgar o Espiritismo em sua própria língua e dentro dos padrões culturais do país eram prioridades para ela.

Janet amava Jesus profundamente, e a Doutrina Espírita tornou-se a sua razão de viver. Embora nunca tenha buscado lugar de destaque dentro do Movimento, desde os seus primeiros contatos com a Doutrina ela se tornou um polo de atração, justamente por ser a única inglesa atuando de forma tão expressiva no Movimento Espírita.



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

Entre os muitos momentos vividos juntas, guardo com especial carinho as reuniões do CEI em que Janet me convidava a acompanhá-la. O Movimento Espírita sempre ocupou um lugar central em seu coração, e ela esteve presente e atuante em todas as reuniões do CEI nas quais representou o Reino Unido. A minha primeira participação em uma reunião do CEI aconteceu em 1997, em Paris, e foi um marco em minha vida. Antes de viajarmos, Nestor Masotti, então secretário-geral do CEI, veio nos visitar em Londres, e ali se iniciou para mim uma nova etapa no Espiritismo. Tive a oportunidade de sentar ao lado de duas peças-chave do Movimento Espírita internacional — Nestor e Ja-

net —, dois seres humanos que marcaram profundamente a minha vida e a da minha família, pela dedicação genuína ao Espiritismo e pelo esforço constante em fazer dos espíritas do mundo uma verdadeira família.

Hoje deixo minha singela contribuição a este tão merecido tributo a Janet Duncan, uma alma sensível, verdadeiramente comprometida com os ensinamentos dos Espíritos e com a divulgação do Espiritismo, que certamente continuará seu trabalho junto aos Benfeitores Espirituais, estimulando entre nós, encarnados, a disseminação das ideias consoladoras que a nortearam em sua jornada aqui na Terra.

Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI





Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

Anne Sinclair | Hemel Hempstead - UK

Numa noite fria do inverno de 1986-87, encontrei-me a tocar à campainha de uma casa em banda no nordeste de Londres. Janet Duncan abriu a porta e convidou-me a entrar em sua casa, onde iria participar num pequeno grupo de estudo na sua sala de estar. Estudaria Espiritismo com Janet durante muitos anos; ela foi a minha primeira professora, e o Grupo de Estudo Allan Kardec foi o primeiro grupo de estudo espírita no Reino Unido.

Nascida no Reino Unido, Janet tinha emigrado para o Brasil na década de 1950, onde mais tarde tomou contacto com os ensinamentos espíritas, que abraçou e estudou com entusiasmo. No início da década de 1980 regressou ao Reino Unido por motivos familiares e iniciou então uma busca para tornar os ensinamentos espíritas mais conhecidos e acessíveis no seu país natal. Inicialmente, estabeleceu contactos com pessoas do movimento espiritualista, colocou

* A viver no Reino Unido, Anne Sinclair é tradutora e profissional de saúde reformada. É membro fundador do Spiritist Family Groupe e do Kardec Group. Anne tem sido a intérprete de inglês de Divaldo Franco há mais de 30 anos.

anúncios em jornais e revistas espíritualistas e psíquicas, oferecendo a oportunidade de estudar Espiritismo com ela. Vieram pessoas muito diversas: algumas ficaram, outras partiram, mas todas foram tocadas de alguma forma pela sua determinação e fé, pelo seu impulso em partilhar os ensinamentos espíritas.

Quando comecei a frequentar a casa da Janet, o grupo estudava *O Livro dos Espíritos*, pergunta por pergunta, por ordem sequencial. Ela tinha livros disponíveis para empréstimo aos participantes, para que não precisassem de os comprar. Depois de *O Livro dos Espíritos*, na mesma reunião, estudávamos *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que Janet tinha recentemente traduzido. Nessa altura, a tradução estava a ser revista antes da impressão, pelo que tínhamos grandes impressões em papel que serviam simultaneamente para revisão e estudo.

Sendo nova no Espiritismo, eu não tinha ideia da enormidade da tarefa que Janet tinha assumido ao disponibilizar uma tradução deste clássico francês. Embora existissem traduções inglesas dos outros livros de Kardec, desde o século XIX, não era

o caso de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Apesar de satisfeita por ter concluído este grande projeto, Janet foi sempre humilde em relação a ele, referindo a grande ajuda que recebera dos Espíritos e expressando a esperança de que a obra viesse a ajudar muitas pessoas.

Em tempos anteriores à internet, ao Google, aos telemóveis e às redes sociais, trabalhou incansavelmente para organizar palestras, seminários, artigos, grupos de estudo, conversas privadas e correspondência por carta; de todas as formas possíveis, partilhou os ensinamentos espíritas que tinham tocado o seu coração e a sua mente. Com uma presença forte, tanto em corpo como em espírito, era carinhosa e paciente com todos os que a procuravam em busca de orientação, aconselhamento ou estudo, sempre com uma chávena de chá e uma bolacha prontas, e o seu fiel gato preto Ramsés ao colo.

Obrigada, Janet, por todo o trabalho árduo. Que o teu despertar no mundo real seja pleno de luz, alegria e amor!

(Tradução Federação Espírita Portuguesa)



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

Elsa Rossi | Londres – UK*

Parece que foi ontem que me encontrei, pela primeira vez, com Janet Duncan, em 1991 em São Paulo.

No ano seguinte, 1992, viajei a Espanha, para participar do Congresso Espírita Mundial organizado pela Federação Espírita Espanhola. Três dias de reencontros, boa convivência, aprendizado e ampliando os amigos dos oito países presentes.

Ali estava eu, ciente de que, na grande sala daquele imenso palácio, após o terceiro dia de eventos, representantes de oito países estavam reunidos. Contudo, eu não podia entrar, pois não representava oficialmente país algum. Permaneci do lado de fora, sentada em um banco de madeira, entre paredes escuras e entrelaçadas, sob uma luz tênue que se estendia à direita e à esquerda, formando um longo corredor silencioso. Lá dentro, discutia-se a criação de um Conselho Espírita Internacional que unificasse os países em torno do movimento espírita mundial, ofere-

* Presidente da União das Sociedades Espíritas (BUSS), dirigente do Grupo de Estudos Allan Kardec, ex-Segunda Secretária do Conselho Espírita Internacional, conferencista nacional e internacional, escritora de livros infantojuvenis sobre espiritualidade.

cendo apoio e organização — ideal maior de Nestor João Masotti, uma das grandes mentes por trás daquele evento.

Entre os presentes estava nossa querida amiga Janet Duncan. Janet possuía uma presença marcante: sua voz, seu conhecimento e sua serenidade transmitiam segurança a todos ao seu redor. Muitos aguardavam atentamente a sua opinião. Assim foi. Uma hora e meia se passou. Permaneci naquele corredor, sentindo a presença amorosa dos Espíritos. Eu sabia que algo muito bom estava acontecendo e que teria grande êxito; sem perceber, já me encontrava conectada a tudo aquilo.

Quando a reunião terminou, as portas se abriram e ouviu-se, em meio à alegria: “Nasceu o Conselho Espírita Internacional.” Lágrimas escorreram pelo meu rosto, sem que eu compreendesse plenamente por que tudo aquilo parecia tão profundamente ligado a mim. Ali estavam também amigos do Brasil e de outros países. Assim teve início a minha amizade com Janet Duncan.

Em 1997, retornamos para o encontro do Conselho Espírita Internacional, realizado em Paris, na França. Viajamos juntos pelo Eurostar: Nes-

tor Masotti, sua esposa Maria Euny, Andrea Amorim, Janet e eu. Foram momentos de grande alegria e trabalho. Acabei secretariando aquela reunião histórica, na qual nasceram as Coordenadorias da Europa e das Américas, atuando como secretária *ad hoc*, a pedido de Nestor Masotti. Assim teve início meu envolvimento mais direto com o Conselho Espírita Internacional e um aprofundamento ainda maior da minha amizade com Janet.

Esse estreitamento de laços levou-nos a trabalhar juntas, por muitos anos, no Allan Kardec Study Group-UK, fundado por Janet em fevereiro de 1983 e mantido presencialmente por ela ao longo de décadas, com exceção do período da pandemia, quando as atividades migraram para o formato *on-line*. Hoje, sou a segunda presidente do grupo em mais de 43 anos de existência, dando continuidade ao legado presencial deixado por Janet.

Ela foi parceira de trabalho de Roger Perez, Terezinha Rey (Suíça) e Charles Kempf (França), especialmente na revisão da última edição do Evangelho que foi doada à Federação Espírita da Irlanda, à British Union Spiritist Society (BUSS), ao Movimento Espí-



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

rita Francófono, ao Conselho Espírita Internacional e ao Allan Kardec Study Group-UK. Com a sabedoria que lhe era própria, deixou esse legado preparado para que não houvesse solução de continuidade.

O trabalho de Janet permanece vivo. Há inúmeros vídeos, entrevistas concedidas à FEESP (Federação Espírita do Estado de São Paulo), à USE-SP (União das Sociedades Espíritas – São Paulo), por meio de Júlia Nezu, entrevistas que realizei com ela em língua inglesa, além de reportagens e artigos publicados em diversos meios de comunicação. Todo esse material está disponível ao público, podendo ser encontrado no canal YouTube da BUSSAUDIOVISUALS, em rádios espíritas e em instituições federativas do Brasil.

Destaca-se também o vídeo “JANET DUNCAN – A BEAUTIFUL JOURNEY”, produzido em homenagem aos seus 90 anos, disponível no canal YouTube da BUSSAUDIOVISUALS.

Algo que sempre me impressionou em Janet foi sua fortaleza moral.

Para ela, o trabalho espírita no Reino Unido deveria ser realizado exclusivamente em Inglês, a fim de alcançar os nativos do país e, por meio da língua inglesa, expandir as traduções para toda a Europa e para o mundo.

Inspirada por Chico Xavier, que lhe disse: “Janet, você precisa traduzir o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo para a língua inglesa”, ela o fez quando retornou definitivamente ao Reino Unido. Antes disso, havia residido por cerca de 30 anos no Brasil, adquirindo cidadania brasileira. Tinha muita alegria em apresentar seu passaporte brasileiro na emigração. Casada com um polonês, veio para o país em razão das consequências da guerra. Em determinado momento de sua vida, vozes espirituais a orientaram a ir a Uberaba para encontrar Chico Xavier.

Chico orientou-a a retornar a São Paulo, procurar Spartaco Guillard e iniciar seus estudos. Assim ela fez. Posteriormente, Chico a incentivou a traduzir *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Pouco tempo depois, sua mãe, em

Londres, adoeceu gravemente por seis anos, levando Janet a retornar ao Reino Unido, onde passou a residir definitivamente.

De volta a Londres, iniciou o primeiro grupo espírita com sete ingleses. Ao procurar uma livraria em busca de *O Livro dos Espíritos* em inglês, foi colocada em contato com pessoas interessadas. Assim nasceu o Allan Kardec Study Group-UK, inicialmente em sua própria residência, por cinco anos. Depois, o grupo passou a reunir-se em espaços alugados às segundas-feiras e, posteriormente, nos Quakers, onde permanece até hoje.

Janet era firme e determinada. Uma vez tomada uma decisão, seguia até ao fim. Traduziu *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, revisou a tradução de *Christian Agenda* (*Agenda Cristã*, de

Chico Xavier) e também *Thought and Life* (*Pensamento e Vida*, do mesmo médium), obra inicialmente traduzida nos Estados Unidos e entregue a ela por Phyllis Haddad. Outras obras ficaram parcialmente concluídas em seus arquivos. Destaca-se ainda que *Paulo e Estêvão* (psicografia de Chico Xavier), uma das primeiras obras traduzidas para o Inglês, também passou por sua revisão e foi entregue à FEB.

Janet realizou inúmeras viagens e palestras pela América do Sul, Estados Unidos e Europa, sempre trazendo informações claras e fiéis à Doutrina Espírita. Para ela, não havia meio-termo: Espiritismo é Espiritismo. Não deveria ser misturado a terapias alternativas. Tratava-se de uma filosofia de vida, universal, baseada nos ensinamentos de Jesus.



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

Jussara Korngold | New York – USA*

Mudar-me para Londres, em 1993, foi também um deslocamento interior. Eu já levava comigo, na bagagem, um exemplar de *O Evangelho segundo o Espiritismo* em Inglês — uma tradução então recente, realizada por Janet Duncan. A forma como aquele livro chegou até mim sempre me pareceu carregada de significado: uma amiga no Brasil, que conhecia a filha de Janet, havia recebido o volume de presente e, ao saber da minha mudança para a Inglaterra, sentiu que deveria entregá-lo a mim. Antes mesmo de chegar, algo já nos ligava.

Na mesma semana em que me estabeleci em Londres, tomei a iniciativa de telefonar para Janet. Queria conhecê-la, ouvi-la, compreender de perto como o Espiritismo era vivido

* Secretária-Geral do Conselho Espírita Internacional, ex-Presidente e atual Vice-Presidente da Federação Espírita dos Estados Unidos, Diretora Executiva da TriState Federation, fundadora do Spiritist Group of New York, palestrante, poliglota, autora e tradutora.



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

e divulgado em solo britânico. Fui recebida com generosidade e simplicidade. Desde o primeiro encontro, tive a impressão nítida de estar diante de alguém profundamente comprometida com aquilo que fazia — não por vaidade ou protagonismo, mas por convicção íntima e senso de responsabilidade.

Nossos encontros se repetiram muitas vezes, quase sempre ao redor de uma mesa simples, acompanhados do tradicional chá inglês com leite — hábito que aprendi com Janet e que conservo até hoje. Entre uma xícara e outra, conversávamos longamente. Janet falava com clareza, escutava com atenção e refletia com profundidade. Compartilhava experiências, desafios e esperanças com a tranquilidade de quem sabia exatamente por que e para que trabalhava.

Janet impressionava não por discursos eloquentes, mas pela coerência entre palavra e ação. Trabalhadora incansável, tinha plena consciência da tarefa que havia assumido: tornar o Espiritismo acessível em língua inglesa, com fidelidade doutrinária e sensibilidade cultural. Não se tratava apenas de traduzir textos, mas de abrir caminhos, formar bases, esclarecer consciências e sustentar um movimento que ainda se estruturava.

Essa missão não foi escolhida ao acaso. Janet havia recebido de Chico Xavier a orientação direta para de-

dicar-se à divulgação do Espiritismo em Inglês. E acolheu essa incumbência com coragem, lucidez e profundo espírito de serviço. Seu olhar sempre foi além da Inglaterra; pensava a Europa e o mundo. Com ela aprendi, de forma muito concreta, o verdadeiro significado da divulgação internacional da Doutrina Espírita e a importância vital de levá-la ao idioma de cada povo, respeitando culturas, tempos e realidades.

Seu caminho não foi fácil. Houve resistências, incompreensões e os desafios próprios de toda obra pioneira. Ainda assim, nunca a vi vacilar em seus princípios. Com determinação firme, levou o Espiritismo à Inglaterra em língua inglesa, abrindo caminhos onde nada estava estabelecido e lançando fundamentos que até hoje sustentam o Movimento.

Janet Duncan foi uma das fundadoras e idealizadoras do Conselho Espírita Internacional em 1992, sendo a única mulher entre oito homens em sua constituição inicial. Sua presença jamais precisou ser legitimada por cargos ou discursos. Era reconhecida pela autoridade moral, pela clareza de propósitos e pela dedicação constante ao trabalho que abraçou.

Foi também nesse contexto mais amplo que tive a oportunidade de trabalhar ao lado de Janet nas reuniões do Conselho Espírita Internacional. Ali, sua postura confirmava tudo o que



Fotos gentilmente cedidas pelos autores do artigo - acervo do CEI

eu já conhecia no convívio pessoal: clareza de ideias, firmeza doutrinária e compromisso com a construção de um Espiritismo verdadeiramente internacional, fiel aos princípios kardequianos e atento às realidades culturais de cada país. Sua contribuição foi decisiva para consolidar uma visão de universalidade responsável, sustentada pelo estudo, pela ética e pelo respeito às diferenças.

Nos Estados Unidos, assim como em tantos outros países, o compromisso de estabelecer o Espiritismo em língua inglesa deve muito à sua visão, ao seu incentivo constante e ao seu exemplo. Posso afirmar isso não por ouvir dizer, mas por ter vivido esse

processo e testemunhado seus frutos ao longo dos anos. Por isso, minha gratidão é profunda e sincera.

Seu legado permanece vivo no trabalho que continua, nas instituições que se fortaleceram e na compreensão clara de que o Espiritismo, para cumprir sua finalidade, precisa falar a linguagem dos povos a quem se dirige. Janet compreendeu isso desde o início e dedicou sua vida a essa tarefa. Tê-la conhecido, convivido e aprendido com ela — tanto nos encontros simples quanto no trabalho compartilhado no CEI — é, para mim, motivo de honra, responsabilidade e profunda gratidão.

Vítor Féria | Algarve – PORTUGAL*

Janet foi uma amiga de quem estive-mos perto ao longo de muitos anos, desde logo porque ela fez parte da formação do CEI – Conselho Espírita Internacional. No entanto, já havia tido contacto com ela anteriormente. A sua memória estará sempre marcada pela disponibilidade, presença e emotividade, na paixão que sempre demonstrou pelo Espiritismo.

Ao longo dos anos foi sendo construída, entre nós, uma amizade. Ela foi, sem dúvida, um marco fundamental no Movimento Espírita inglês e europeu, com dedicação extrema e também, uma amiga que deixa saudades.

Oramos para que ela seja recebida com muita paz, na nova morada espiritual, onde, por certo, terá a oportunidade de colher o fruto dos méritos decorrentes do árduo trabalho de uma longa existência. O nosso abraço de gratidão por todo o exemplo que nos deixou, ao longo dos anos, com a sua dedicação. Que, meditando agora sobre a sua atitude, possamos aprender algo com ela e fortalecer a nossa caminhada, contribuindo para a nossa paz. Muita paz para todos!

* Presidente da Federação Espírita Portuguesa, Segundo-Secretário da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional, tem-se dedicado, com especial empenho, à divulgação do Espiritismo no mundo, através da circulação e expansão do livro espírita.



Para ela, não havia meio-termo: Espiritismo é Espiritismo. Não deveria ser misturado a terapias alternativas. Tratava-se de uma filosofia de vida, universal, baseada nos ensinamentos de Jesus



Fotos 2ºCEM - Lisboa 1998. Acervo do CEI - Conselho Espirita Internacional



Fotos 4ºCEM - Paris 2004. Acervo do CEI - Conselho Espirita Internacional

Momento Espírita®

S. Barros "The happiness of giving joy" (2026). Revue Spirite N23

Redação do Momento Espírita

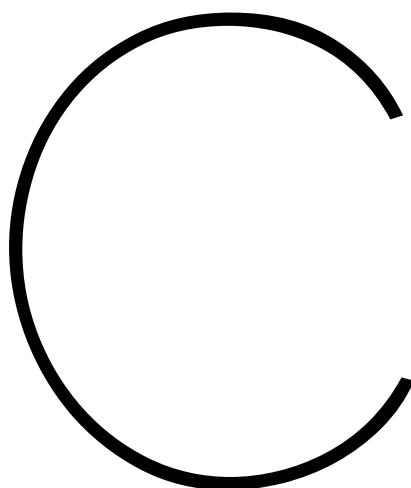


Felicidade de Doar Alegria





**Quando
doamos,
nutrimos a
própria alma**



olhemos o depoimento em uma rede social, sem menção de autoria.

Quem quer que tenha compartilhado essa sua experiência é uma pessoa feliz. O relato é mais ou menos assim.

Num domingo de sol, foram ao circo Nilson e seu filho adolescente. Na fila, à sua frente, estava uma família de dez pessoas.

Eram oito crianças. Roupas muito simples denotavam que não deviam possuir muito dinheiro.

Comportadas, duas a duas, de mãos dadas, atrás dos pais. Tagarelavam, excitadas, a respeito dos palhaços, dos trapezistas, dos animais e tudo o que veriam naquela tarde, no espetáculo circense.

Pela empolgação deles, podia-se perceber que nunca haviam ido ao circo.

A mãe segurava a mão do marido, olhando para ele como se dissesse: *Você é meu cavaleiro de armadura brilhante.*

Ele sorria, feliz por ver a felicidade da sua família.

Chegado ao guichê, pediu: *Quero oito ingressos para crianças e dois para adultos.*

A funcionária indicou o preço. A esposa do homem largou sua mão, sua cabeça caiu, os lábios dele começaram a tremer.

Ele se inclinou um pouco mais perto e perguntou, como se imaginasse ter ouvido mal: *Quanto você disse?*

A senhora da bilheteria voltou a falar o valor. Ele não tinha dinheiro suficiente. Ficou parado, sem reação, tentando descobrir como diria isso aos seus filhos.

Vendo o que estava acontecendo, Nilson enfiou a mão no bolso, tirou uma nota de vinte reais e a jogou no chão. Então, tocou de leve o ombro do pai à frente e informou: *Com licença, senhor, isso caiu do seu bolso.*

O homem entendeu. Ele não estava implorando por uma esmola, mas certamente apreciou a ajuda naquela situação dolorosa e constrangedora.

Olhou direto nos olhos do benfeitor, pegou a mão dele entre as suas, apertou com força a nota de vinte reais e, com uma lágrima escorrendo pelo rosto, respondeu:

Obrigado, obrigado, senhor. Isso realmente significa muito para mim e minha família.

Então, Nilson e seu filho deixaram a fila, voltaram para o carro e foram para casa.

O dinheiro doado era exatamente aquele com o qual seriam adquiridos os ingressos para eles desfrutarem do espetáculo.

Anos mais tarde, ao postar essa sua experiência de vida, escreveu aquele filho: *Embora não tenhamos conseguido ver o circo naquela tarde, nós dois sentimos uma alegria dentro de nós muito maior do que ver qualquer espetáculo. Naquele dia, aprendi o valor de dar.*

* * *

A alegria de dar é um sentimento que vai muito além de qualquer bem material, uma emoção que se manifesta de formas diversas e poderosas.

Quando doamos, nutrimos a própria alma.

Pensemos em como nos sentimos quando recebemos algo inesperado e carinhoso. Multipliquemos essa sensação maravilhosa pelo sentimento de propósito e realização que vem de ser a fonte dessa alegria para outra pessoa.

É gratificante e nos lembra da nossa capacidade inata de conexão humana.

Dar nos convida a enxergar o mundo com mais empatia e compaixão.

Descubramos essa magia calorosa.

A close-up photograph of a human hand with fingers slightly spread, holding a small butterfly. The butterfly has orange and black wings. The background is a soft, out-of-focus bokeh of warm, golden-yellow and orange light circles. The overall mood is gentle and symbolic.

“

**O valor
de dar**



Entre vista Hélio Blume



**Passei a entender
que não há
acaso, mas uma
sequência de
ações e reações**

Hélio Blume é Médico Veterinário, Doutor em Ciência Animal, Professor universitário, Presidente da Associação Panamericana de Ciências Veterinárias (PANVET), Conselheiro da América Latina na Associação Mundial de Medicina Veterinária (WVA) e avaliador do Ensino Superior do Ministério da Educação, no Brasil.

Trabalhador espírita há mais de 40 anos e Diretor da FEB, desde 2008. Foi facilitador em vários estudos espíritas e coordena a Unidade de Estudos Doutrinários e a Área do Atendimento Espiritual pelo Conselho Federativo Nacional, CFN-FEB. É, atualmente, 1º tesoureiro da Comissão Executiva do CEI.

1 - Ao longo de várias décadas de trabalho espírita, que transformações se deram em si?

A Doutrina Espírita me fez compreender melhor a vida, minha origem e destino e a ser grato ao Criador pela criação e a Jesus pela mensagem cristã. É um processo contínuo de aprendizado e transformação, onde aprendi a utilizar o livre-arbítrio com mais responsabilidade.

A reforma íntima e o desenvolvimento moral foram as principais transformações, que incentivaram meu autoconhecimento e o esforço para dominar minhas imperfeições, substituindo-as por virtudes como paciência, humildade e amor.

A compreensão da reencarnação e da imortalidade da alma me trouxe conforto, esperança e paz interior, diminuiu o medo da morte e o desespero diante de perdas. Passei a entender que não há acaso, mas sim uma sequência de ações e reações, o que gera maior responsabilidade por meus pensamentos e atos.

O Espiritismo me trouxe conforto emocional e mental e me proporcionou equilíbrio entre as possibilidades internas do ser humano. Me ensinou a vigiar os pensamentos e o ambiente vibracional, evitando a sintonia com influências espirituais negativas e a cultivar bons pensamentos.

2 - Qual é a importância do estudo sistematizado do Espiritismo para a prática espírita nos dias de hoje?

O estudo sistematizado do Espiritismo é crucial para garantir a compreensão correta da Doutrina, evitar interpretações equivocadas e promover a reforma íntima. Ele baseia-se nas obras de Kardec para desenvolver a fé raciocinada, capacitar trabalhadores para a casa espírita e sustentar a prática cristã no mundo contemporâneo.

É um estudo básico que oferece condições de entender as situações que a vida nos oferece, com fundamentação doutrinária que assegura a unidade de princípios, baseando-se no conjunto das obras da Codificação.

Facilita a transformação moral, melhorando costumes, sentimentos e relações humanas.

Desenvolve o entendimento lógico, evitando o fanatismo e a credência através da fé raciocinada

Estimula a formação inicial e continuada de trabalhadores para o atendimento espiritual, palestras e atividades de caridade nas casas espíritas.

3 - Quais são, na sua opinião, os principais desafios doutrinários do Movimento Espírita na atualidade?

"Promover a conscientização dos trabalhadores espíritas acerca dos princípios e práticas que fundamentam a união dos espíritas e a Unificação do Movimento Espírita, fortalecendo a concepção de rede fraterna e colaborativa de aprendizado e trabalho envolvendo os espíritas, as instituições espíritas, os órgãos de unificação e as áreas funcionais para o estudo, a prática e a divulgação do Espiritismo."

Manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios.

Preservar a unidade e universalidade dos princípios da Doutrina Espírita, evitando interpretações complexas que afastam da essência do Espírito.

Manter fidelidade aos princípios da Doutrina Espírita e formar a mentalidade cristã por meio do estudo, vivência e difusão do Espiritismo, colocando-a ao alcance e a serviço de todas as pessoas, sem distinção de qualquer natureza, tendo como referencial as obras da Codificação Espírita e as de autores a elas coadunados."

4 - O que recomendaria para uma formação efetiva e consciente do trabalhador espírita?

Uma formação apoiada nos princípios básicos da Doutrina Espírita, de cunho participativo, onde se procura conscientizar os trabalhadores espírita de que:

Estejam integrados na instituição, sejam conhecedores de suas diretrizes, normas administrativas e de suas atividades; estejam participando ativamente em, pelo menos, um grupo de estudos espíritas; possuam maturidade emocional, bom senso, afetividade, naturalidade e segurança; sejam simpáticos, objetivos e atenciosos para manter um diálogo esclarecedor para com todos aqueles que buscam o Centro Espírita e tenham facilidade na relação interpessoal e boa conduta moral.



**O estudo do
Espiritismo
desenvolve a fé
raciocinada e
evita o fanatismo**



**A conduta é
mais importante
do que as
palavras**

A formação da equipe deve considerar o perfil necessário do trabalhador voluntário para o pleno desenvolvimento da atividade. O respeito e a interação entre seus membros e especialmente o reconhecimento da interdependência entre eles para alcançar os objetivos com harmonia.

Emmanuel, no livro *Estude e Viva*, lição 36, intitulada "O espírita na equipe" pontua que, "um templo espírita não é simples construção de natureza material. (...) É um Lar de esclarecimento e consolo, renovação e solidariedade, em cujo equilíbrio cada coração que lhe compõe a estrutura moral se assemelha a peça viva de amor na sustentação da obra em si".

5 – Quais são os maiores desafios para ser um trabalhador espírita cristão nos dias atuais?

O trabalhador deve estar sinceramente engajado na melhora como pessoa, procurando aplicar na vivência diária os princípios da Doutrina Espírita.

Atender ao requisito moral que é essencial para ter um comportamento saudável e sintonizar com os bons Espíritos. No quesito boa moral, estão incluídos: o hábito constante da oração; o interesse fraternal pelas pessoas e o equilíbrio emocional com ponderação, paciência, segurança.

Ter conhecimento da Doutrina Espírita e boa familiaridade com as obras de Allan Kardec.

Desenvolver a capacidade de saber ouvir e ter bom tato psicológico que será adquirido com a vivência e estudo simultaneamente.

Nos atuais momentos tormentosos pelos quais passa o ser humano,

submetido ao processo de transformação íntima e vivendo num planeta em transição, aumenta a responsabilidade do trabalhador espírita em acolher, consolar, esclarecer e orientar.

É necessária uma qualificação que atenda aos princípios doutrinários do relacionamento interpessoal dos envolvidos nas tarefas, para que estas sejam executadas com naturalidade, simplicidade, atenção, afabilidade, brandura, generosidade, simpatia, indulgência, compaixão e segurança.

É fundamental a ausência de preconceitos, assim como agir com respeito, cortesia e discrição, garantindo a harmonia na tarefa cristã.

6 - O que é, verdadeiramente, o Atendimento Espiritual à luz da Doutrina Espírita?

O Atendimento Espiritual tem como proposta básica, acolher, consolar, esclarecer e orientar as pessoas, por meio de ações fraternas e continuadas, de conformidade com os princípios do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, oferecendo aos que frequentam a Casa Espírita, como atendidos ou atendentes, o apoio, o esclarecimento, a consolação, a assistência espiritual e moral, com a ajuda das inspirações do plano superior da vida.

A área do Atendimento Espiritual abrange as atividades de: Recepção, Atendimento Fraternal pelo Diálogo, Explicação do Evangelho, Evangelho no lar, Implantação do Evangelho no lar, Irradiação Mental e Atendimento pelo Passe, como um conjunto de tarefas interrelacionadas que apresentam características e interfaces naturais.

7 - Que cuidados deve ter um Centro Espírita para oferecer um atendimento fraterno sério, responsável e esclarecido?

O atendimento fraterno tem como objetivo primacial receber bem e orientar com segurança todos aqueles que o buscam. Não se propõe a resolver desafios nem dificuldades, eliminar doenças nem os sofrimentos, mas propor ao atendido os meios hábeis para a própria recuperação. Acender luz na treva, oferecer roteiro no labirinto, proporcionar esperança no desencanto;

É porta de serviço edificante aberta a todas as criaturas que perderam o rumo ou se perderam em si mesmas;

É campo de trabalho solidário entre quem pede e aquele que doa. Graças a ele irmanam-se os indivíduos, compartilham suas dores e repartem suas alegrias;

Atender fraternalmente é refletir nas orientações espirituais, esforçando-se para pô-las em prática, considerando para tal a regra áurea de Jesus: "Fazer a outrem o que desejamos que ele nos faça", ou seja, fazer sempre o bem.

Libertar a pessoa, através do esclarecimento, dando-lhe orientação segura, a fim de que ela possa resolver as suas dificuldades e não ficar apegada ao atendimento como uma bengala psicológica.

É necessário a formação doutrinária dos atendentes para que eles possam esclarecer com os princípios doutrinários e não com opiniões pessoais, mantendo o sigilo e a seriedade.

Não confundir o atendimento fraterno como um confessionário. Ele é um encontro no qual se atende fraternalmente àquele que tem

qualquer tipo de carência, evitando que se faça colocações de dificuldades íntimas que podem constranger;

Não confundir atendimento fraterno com práticas médicas e/ou psicológicas: não podemos invadir o terreno das doutrinas psíquicas que merecem o nosso respeito;

Recusar gratificações, atenções, distinções especiais: necessário evitar qualquer tipo de pagamento. O atendimento fraterno segue a regra "dai de graça o que de graça recebestes";

Evitar opiniões pessoais: os atendimentos devem basear-se na orientação espírita e no Evangelho de Jesus. A Doutrina Espírita é o Consolador Prometido por Jesus, portanto, a sua mensagem já é de superior qualidade. É importante que não apresentemos sugestões sobre os atos que a pessoa deva praticar para a solução de seus problemas, não podemos interferir diretamente em suas decisões.

8 - Como podem os centros espíritas dialogar melhor com as novas gerações?

Os Centros Espíritas são uma espécie de janelas abertas para o céu e têm como missão o estudo e a prática da Doutrina dos Imortais. Neles, iluminam-se os Espíritos, aprendendo, na convivência fraternal, a experiência da solidariedade, do trabalho e da tolerância, a fim de poderem avançar no rumo da plenitude. O Centro Espírita, desse modo, desempenha um papel de grande relevância nas atividades do Movimento Espírita, especialmente com as novas gerações, contribuindo valiosamente para a constituição de uma sociedade nobre e digna à luz do Evangelho de Jesus pela Codificação de Kardec.



**Nos tempos
atuais, cresce a
responsabilidade
de acolher,
consolar,
esclarecer e
orientar**



**O atendimento
fraterno não resolve
os problemas das
pessoas, mas mostra
caminhos para a
própria recuperação**

O preparo do jovem como trabalhador deve contemplar a vivência do protagonismo colaborativo, expandindo-se canais fraternos de diálogo intergeracional e ação participativa nas atividades de estudo e difusão espírita no âmbito do Centro e do Movimento Espírita.

A disposição para o trabalho é uma das características principais a ser desenvolvida pelo jovem, com o firme propósito de entender, assimilar e aplicar em sua vivência como trabalhador a recomendação: "Arme-se a vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra espera; arai!" (ESE: Cap. XX, "Os trabalhadores da última hora", 4. Erasto: "A Missão dos Espíritos").

Convidar os jovens a participar das atividades e ajustar às suas mentes inquietas que buscam soluções rápidas, ao tempo de Deus.

Respeitar a diversidade e oferecer atividades práticas e encontros lúdicos como canto do jovem, irradiação mental, visitas a creches, asilos e hospitais.

9 - Quais são os maiores desafios dos jovens hoje do ponto de vista espiritual?

Espíritos jovens nos dias de hoje são almas reencarnadas, muitas vezes milenares, que buscam propósito e identidade na era das conexões rápidas e redes sociais. Eles enfrentam desafios únicos, como a pressão da modernidade, a ansiedade e a necessidade de espaços acolhedores, trazendo novas perspectivas e impulsos criativos para a renovação social e espiritual.

Mais do que a idade cronológica, ser jovem reflete uma "atitude mental" de curiosidade e crescimento contínuo e enfrenta a angústia da ansiedade e a necessidade de alicerces sólidos em um mundo tecnológico.

Engajados na diversidade, inclusão e em questões sociais buscam experiências autênticas, preferindo uma linguagem do cotidiano a discursos eruditos, e utilizam a fé para equilíbrio entre estudos, trabalho e vida pessoal.

São considerados o "presente" e "continuadores" da Doutrina Espírita, trazendo renovação, mas necessitam de compreensão e espaço nos centros espíritas.

Um grande desafio é conciliar seus interesses e estudos, sua vida social e familiar com os princípios doutrinários e atenuar sua inquietude natural na busca de soluções rápidas, ajustando tudo ao tempo de Deus.

Outro desafio é construir um diálogo permanente com o jovem, acompanhar suas ações, fazer autoavaliação e avaliação da tarefa e, se necessário, refazer orientações e reposicionamentos no conjunto das atividades, procurando observar o perfil, as habilidades, os interesses, as possibilidades e as necessidades específicas, de forma a melhor aproveitar e investir no seu desenvolvimento.

A formação do jovem deve ser realizada em conjunto, por meio de reuniões de preparação, vivência orientada com colaboradores mais experientes, engajamento em pares nas diferentes atividades e frentes de trabalho, formação inicial e continuada a partir de diálogos orientadores e ações afins.

10 – Em 40 anos de prática espírita, poderia partilhar conosco algum episódio particularmente marcante?

O Espiritismo transformou meu cotidiano em um campo de aprendizado espiritual, incentivando o auto-conhecimento, a caridade, o perdão e o amor ao próximo nas pequenas escolhas. Me mostrou que a vida terrena é uma oportunidade de evolução, onde o trabalho, a família e os desafios são ferramentas para o aprimoramento moral e a transformação interior.

A vida espírita me ensinou o ciclo contínuo de nascer, viver, morrer e renascer, me apresentando o plano espiritual como nossa verdadeira morada.

A prática espírita me ensinou a viver o presente com mais amor e esperança, entendendo que a vida é contínua e que o verdadeiro sentido da existência está na evolução do ser.

Destaco a convivência com pessoas simples que possuem uma fé e confiança profundas em Deus, que enriqueceu a minha vida, onde constatei que a relação com a natureza, facilita a compreensão e a vivência cristã.

Descobri também que se enriquece com a diversidade e a conduta é mais importante do que as palavras.

11 – Se pudesse resumir as suas aprendizagens ao longo da presente experiência física, como as transmitiria?

Compreendi que devo cooperar e fazer a parte que me cabe sempre nas situações que a vida me apresenta. Jamais me entregar aos jogos das

circunstâncias, com revoltas ou sucumbir às provações, aspectos que só agravam o sofrimento. Apreendi a não confundir submissão com aceitar as provas da vida com resignação. A primeira produz alienação, quando não conduz ao desespero. A segunda é sempre ativa por se encontrar alicerçada na fé.

O Espiritismo me ensinou:

Aplicar os ensinamentos cristãos nos desafios da vida moderna.

Trabalhar fiel a Deus e a Jesus e aprender a transformar problemas em degraus de evolução.

A entender que não há acaso, mas sim uma sequência de ações e reações, o que gera maior responsabilidade por nossos pensamentos e atos.

A abolir preconceitos de seitas, castas e cores, promover a solidariedade, a empatia e a fraternidade o que, melhorou as relações interpessoais.

A vigiar os pensamentos e o ambiente vibracional, evitando a sintonia com influências espirituais negativas e cultivar bons pensamentos.

Apreendi também a ouvir com o coração, onde uma palavra dita com o coração, encoraja o aflito a prosseguir; um sorriso de compreensão, significa que ele está sendo entendido. Quando se ouve com o coração, a mensagem encontra ressonância e pode repercutir na alma que chora. Ouvir com o coração é também uma forma feliz de falar com o coração, mediante ou não o uso de palavras. Aprender a ouvir com o coração é descobrir um mundo totalmente novo, enriquecedor, em cada ser, fazendo parte dele, para ajudá-lo a ser cada vez mais feliz.



**Aprender a ouvir
com o coração
é descobrir um
mundo novo em
cada ser**

Notícias

01. "Ciclo de Estudos da Mediunidade"

A Área de Estudo e Prática da Mediunidade do Conselho Espírita Internacional (CEI) iniciou um novo projeto intitulado "Ciclo de Estudos da Mediunidade", no dia 10 de fevereiro de 2026.

O estudo, conduzido por Jacobson Trovão, tem lugar online, às terças-feiras, com uma duração aproximada de uma hora. Durante as transmissões, o público é convidado a participar ativamente, podendo colocar perguntas que serão respondidas na transmissão seguinte.

Para enviar as suas questões, basta acessar o QR code disponível nas imagens promocionais e durante a própria transmissão. O código encaminha para um formulário online, onde os participantes podem enviar as suas dúvidas diretamente à equipa organizadora. Poderão também enviar pelo chat no YouTube.

Horários das transmissões: CET 21:00h | Lisboa 20:00h | Brasília 17:00h | Nova Iorque 15:00h | América Central 14:00h

Ao longo do ciclo, serão abordados diversos temas fundamentais para a compreensão e prática da mediunidade

Com esta iniciativa, o CEI reforça o seu compromisso com o estudo, a educação e a prática consciente da mediunidade, promovendo um

espaço de aprendizagem, troca e esclarecimento, entre espíritas de diferentes países, e todos os que desejem conhecer mais sobre mediunidade.

As transmissões no Canal de Youtube da TVCEI são legendadas em Inglês e Espanhol, para que possam alcançar um maior número de pessoas.

[CANAL DE YOUTUBE DO CEI >>>](#)

01



02. Lives "Diálogos sobre Mediunidade" – Perguntas e Respostas

Duas lives sobre Mediunidade reuniram participantes em Italiano e Alemão, no dia 15 de março

No passado dia 15 de março de 2026, a Área de Estudo e Prática da Mediunidade do Conselho Espírita

Internacional promoveu duas edições da live “Diálogos sobre Mediunidade – Mesa Redonda”, realizadas em Italiano e em Alemão, ambas dedicadas ao tema “Ética e Responsabilidade na Mediunidade”.

A sessão em língua italiana contou com a participação de Emanuela Mitraglia, coordenadora do setor Acolhimento Fraterno da Federação Espírita Italiana (CEI-FIDES); Emilio Baldini, coordenador do grupo Sentieri dello Spirito, de Milão; e Ombretta Sacco, coordenadora do grupo Bezerra de Menezes – Firenze. A moderação esteve a cargo de Gleice Oliveira, coordenadora do setor da Mediunidade da Federação Espírita Italiana (CEI-FIDES), que conduziu o diálogo e aprofundou a reflexão sobre os desafios éticos inerentes à prática mediúnica.

Já a edição realizada em língua alemã reuniu Klaus Schneider, dirigente do FAK-Karlsruhe; Marisa Chiappina, dirigente do Kardecgruppe Erlangen; e Christina Renner, dirigente do Gruppe S.E.E.L.E. e.V.. A moderação esteve a cargo de Maria Gekeler, dirigente da Deutsche Spiritistische Vereinigung D.S.V. e.V..

As duas transmissões reforçaram o compromisso do Conselho Espírita Internacional com a formação contínua, o estudo sério e a prática responsável da mediunidade, promovendo o intercâmbio de experiências entre trabalhadores espíritas de diferentes países e fortalecendo o movimento espírita no contexto europeu.



02



03

03. Workshop

Em breve as inscrições estarão online!

EVANGELIZAR é construir o reino de Deus nos corações! [Ver mais em >>>](#)

04. Grupo de Estudos com a Juventude Espírita Mundial

Este Grupo de Estudos Espíritas é dedicado à juventude, pensado para estudar o Espiritismo, confraternizar e unir corações.

Os encontros de estudo propõem um ambiente acolhedor e dialógico-vivencial, considerando a fundamentação doutrinária e a contextualização das reflexões e aprendizagens.

Para participar basta preencher o formulário de inscrição do "Grupo de Estudos com a Juventude Espírita Mundial", uma atividade promovida pela Comissão de Juventude da AIJF - Área da Infância, Juventude e Família do Conselho Espírita Internacional.

INFORMAÇÕES SOBRE O GRUPO DE ESTUDOS

Plataforma: Zoom.

Público: Jovens espíritas de diferentes países (a partir dos 13 anos)

Data: No último domingo de cada mês.

Horário:

11h às 12h45 – América Central

12h às 13h45 – NY

14h às 15h45 – Brasília

17h às 18h45 – Portugal

18h às 19h45 – CET

Idiomas: Inglês, Português, Espanhol e Italiano.

O ambiente virtual será aberto 15 minutos antes do horário

estabelecido para o início das atividades.

Ainda não faz parte do nosso grupo?

[Inscreva-se AQUI>>>](#)



05. Os novos sites já estão disponíveis ao público

Já se encontram no ar dois novos sites, integrados no portal do Conselho Espírita Internacional, que disponibilizam um vasto conjunto de conteúdos, incluindo informações sobre grupos de estudo, a história, atividades e diversos materiais de apoio. As plataformas estão acessíveis em quatro idiomas — português, espanhol, inglês e italiano — reforçando o alcance internacional da iniciativa.

Os interessados podem aceder às diferentes áreas através dos seguintes links:

Comissão de Juventude |
<https://sites.google.com/cei-spiritistcouncil.com/cei-world-spiritist-youth/in%C3%ADcio>
Área de Infância, Juventude e Família CEI |
<https://sites.google.com/cei-spiritistcouncil.com/aijf/in%C3%ADcio>

05



06. 100 Anos da Federação Espírita Portuguesa

A Federação Espírita Portuguesa, em comemoração do seu centenário, vai realizar o Congresso Nacional de Espiritismo 2026, nos dias 3 e 4 de outubro, no Auditório da Faculdade de Medicina Dentária de Lisboa.

Sob o tema "Espiritismo: Uma Ponte Entre a Razão e a Espiritualidade", o congresso assinalará um momento histórico para o movimento espírita em Portugal, promovendo a reflexão sobre a realidade espiritual numa perspetiva racional, aberta a espíritas e não espíritas. O evento contará com oradores nacionais e internacionais, incentivando o diálogo, a partilha de conhecimento e o pensamento crítico, sobre questões ligadas à vida, à morte e à imortalidade do espírito.

A iniciativa integrará dois dias dedicados ao estudo, à reflexão e à vivência espiritual, reforçando o propósito de divulgar, desmistificar e aprofundar os princípios da Doutrina Espírita junto da sociedade.

[CONGRESSO WEB-SITE >>>](#)

07. Desencarnação de Marta Antunes de Moura (1946-2026)

O Conselho Espírita Internacional (CEI) recebe, com saudade e prece, a notícia da desencarnação de Marta Antunes de Moura, trabalhadora dedicada e referência segura do Movimento Espírita internacional.

Ao longo de muitos anos, Marta Antunes de Moura integrou a Comissão Executiva do CEI, exercendo as suas funções com elevado sentido de responsabilidade, discernimento e fidelidade aos princípios da Doutrina Espírita. A sua contribuição, marcada pelo estudo, pela formação e pelo equilíbrio doutrinário, deixou um legado significativo que continuará a inspirar o trabalho coletivo em prol da unificação e do fortalecimento do Espiritismo.

O CEI deseja que seja envolvida em amparo e paz na Vida Espiritual.

07



08. Centenário de Divaldo Franco

Divaldo Franco – O Semeador de estrelas – 100 anos de nascimento do médium que influenciou milhares de vidas.

Nos dias 1 e 2 de maio de 2027, a Mansão do Caminho, a Federação Espírita Brasileira (FEB), a Federação Espírita do Estado da Bahia (FEEB) e o Conselho Espírita Internacional (CEI) promovem um grande evento de comemoração do centenário de nascimento de Divaldo Franco — um encontro de amor e união em torno daquele que tanto semeou.

[VEJA MAIS AQUI>>>](#)

08



Nota

A equipa da *Revue Spirite* convida todos os interessados a enviarem textos inéditos para análise e possível publicação.

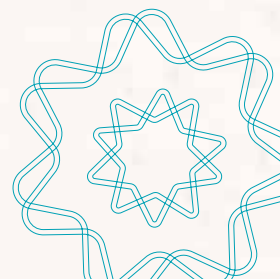
Os textos devem ser originais e não ter sido previamente publicados em qualquer formato. A equipa editorial apreciará cuidadosamente todas as submissões recebidas. Envie seu material para o e-mail: revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

Participe e contribua para a continuidade das reflexões e estudo do Espiritismo!



COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÊNIO DE 2025 - 2028

Conselho Espírita Internacional





Social Media

Facebook

Instagram

Youtube

Online

<https://cei-spiritistcouncil.com>

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

